

Correio das Artes

ANO
LXXV

Nº
7

ISSN 1984-7335



Setembro
R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



“OS CANGACEIROS”

Carlos Dias Fernandes

Jornalista, advogado e romancista paraibano
foi um dos precursores do vegetarianismo, da
defesa dos animais e do feminismo no Brasil

Suplemento
literário
do Jornal A União
2024

Gráfica

A UNIÃO



Excelência
além da
primeira
impressão.

Solicite seu
orçamento!

Telefone:
(83) 3218-6525



Porteira aberta do mundo

Mamanguape é um município localizado no estado da Paraíba, mais precisamente na Zona da Mata e, redobrando a precisão, no Litoral Norte. Para alguns habitantes, a cidade se torna seu mundo. Para outros, haverá a necessidade de se “abrir a porteira” e ganhar o mundo.

Foi o que aconteceu com um de seus mais ilustres rebentos: Carlos Dias Fernandes (1874-1942), “um homem que vivia intensamente o presente, mas com ideias à frente de seu tempo”, como apontou a repórter Alexandra Tavares na matéria de capa desta edição, em ocasião dos 150 anos de nascimento do paraibano, lembrado no último dia 20 deste mês de setembro.

Escritor naturalista, poeta simbolista, jornalista, advogado, romancista, crítico literário, contista, crítico social, pedagogo, gramático, articulista, polemista, emérito *causeur*, poliglota, hu-

manista, conferencista, espadachim, tenente do Exército, vegetariano convicto, paladino dos direitos animais, precursor do feminismo, preservacionista, defensor do meio ambiente, antitabagista ferrenho, polímata, polígrafo, diretor do Jornal **A União** por 12 anos e “médico de bordo” em um navio do Amazonas. Essa é uma lista de algumas das várias faces do eclético Fernandes, um verdadeiro polímata, que também colecionava as suas polêmicas ao longo da vida.

Nas próximas páginas, o *Correio das Artes* vai promover recortes na trajetória do paraibano que sabia todas as estrofes d’*Os Lusíadas* na adolescência, tornou-se um comunicador eloquente e já tinha pensamentos vanguardistas no começo do século 20, basta observar os batismos de algumas de suas obras: *Vegetarianismo* (1916) e *O Feminismo* (1923).



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

**Correio
das Artes**

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa

Tônio
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

índice

18 / poesias

Um passeio pelas perspectivas das vozes poéticas das autoras paraibanas Renálide Carvalho e Aline Cardoso, que compõem um unissono contra um sistema esmagador

24 / resenha

“Os Simões da serra do Gabão”, de Marcone Simões, resgata a vida no campo com base na tradição oral da família do memorialista, através da trajetória de cinco engenhos

27 / conto

Escritor sergipano Jeová Santana mostra como “a pessoa vê coisa nesse mundo” pelas reminiscências de alguém que ainda tem o “coração de menino”

32 / versos

Amador Ribeiro Neto analisa a poesia imensamente feliz de Sérgio de Castro Pinto com base na sua mais recente coletânea, “Brando fogo das palavras”, que tem ilustrações de Flávio Tavares

38 / oratória

Todo escritor sabe falar em público? Tiago Germano vai citar desde Manoel de Barros até Ariano Suassuna na sua reflexão sobre a arte de comunicar com o público

40 / ficção

“Vale das ameixas”, do jornalista, professor, crítico e ensaista Hugo Almeida, é uma obra que transcende categorias e gêneros literários

“OS CANGACEIROS”



Carlos Dias Fernandes

150 anos de nascimento de um polímata

Escritor, jornalista e
advogado paraibano
viveu intensamente
o seu presente,
sempre com ideias
vanguardistas na
cabeça, como a defesa
dos direitos femininos
no começo do século 20

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Há um século e meio, em 20 de setembro de 1874, nascia no município de Mamanguape um paraibano que, desde a adolescência, sabia de cor as estrofes de Camões, apreciava a obra d'*Os Lusíadas* e, ao chegar na fase adulta, tornou-se um comunicador eloquente, mestre no jornalismo, na escrita, atuou como oficial do Exército, homem público e jurista. Amava as mulheres, tanto que esse bem-querer complicou-lhe a vida em certos momentos. Com pensamento vanguardista, se interessou pelas ideias de Darwin, para assombro dos religiosos da época. Refutava os maus-tratos aos animais, à natureza e já vislumbrava que a sociedade de outrora devia muito mais direitos ao público feminino do que lhes eram garantidos.

Assim era Carlos Furtado de Mendonça Dias Fernandes, ou apenas Carlos D. Fernandes — CDF, um homem que vivia intensamente o presente, mas com ideias à frente de seu tempo. Era filho do médico João Nepomuceno Dias Fernandes e da senhora Maria Augusta Saboia Dias Fernandes, mulher trabalhadora e religiosa. Mantinha em casa uma produção de doces, a qual fazia com a ajuda dos escravizados de casa. Às 18h, antes do jantar, ela se ajoelhava com Carlos, para rezar diante do santuário, em devoção à Nossa Senhora. Até os 16 anos, o rapaz acompanhou a mãe nas práticas da igreja. E foi com Maria Augusta que o menino aprendeu as primeiras letras.

Mas, CDF tinha ânsia de saber, de novidades, de conquistas e, como disse o escritor Eduardo Martins, na obra *Carlos D. Fernandes — Notícia bio-*

bibliográfica (Editora **A União**), o paraibano apresentava um “espírito rebelde e irreverente”. Dessa forma, não se demorou na terra natal. Quis alçar voos mais altos e fugir do “tédio” que considerava Mamanguape, mesmo o município sendo, naquele tempo, um importante ponto de comércio de algodão e açúcar. Em maio de 1890, aos 15 anos de idade, o rapazote deixou a cidade onde nascera e rumou para Recife, com o intuito de estudar Farmácia. Foi acolhido na capital pernambucana por uma tia, Francisquinha.

Por cerca de um ano e meio, ele teve como mecenas o tio-avô José Adolfo de Oliveira Lima, que lhe dava uma mesada mensal de 50 mil réis. Assim, o jovem podia aprofundar-se nos estudos e custear as idas e vindas entre Recife e Mamanguape. Em visita ao município paraibano, cerca de um ano

após a partida, já chegara com ares de poeta e discutia literatura com os amigos Castro Pinto e Rodrigues de Carvalho.

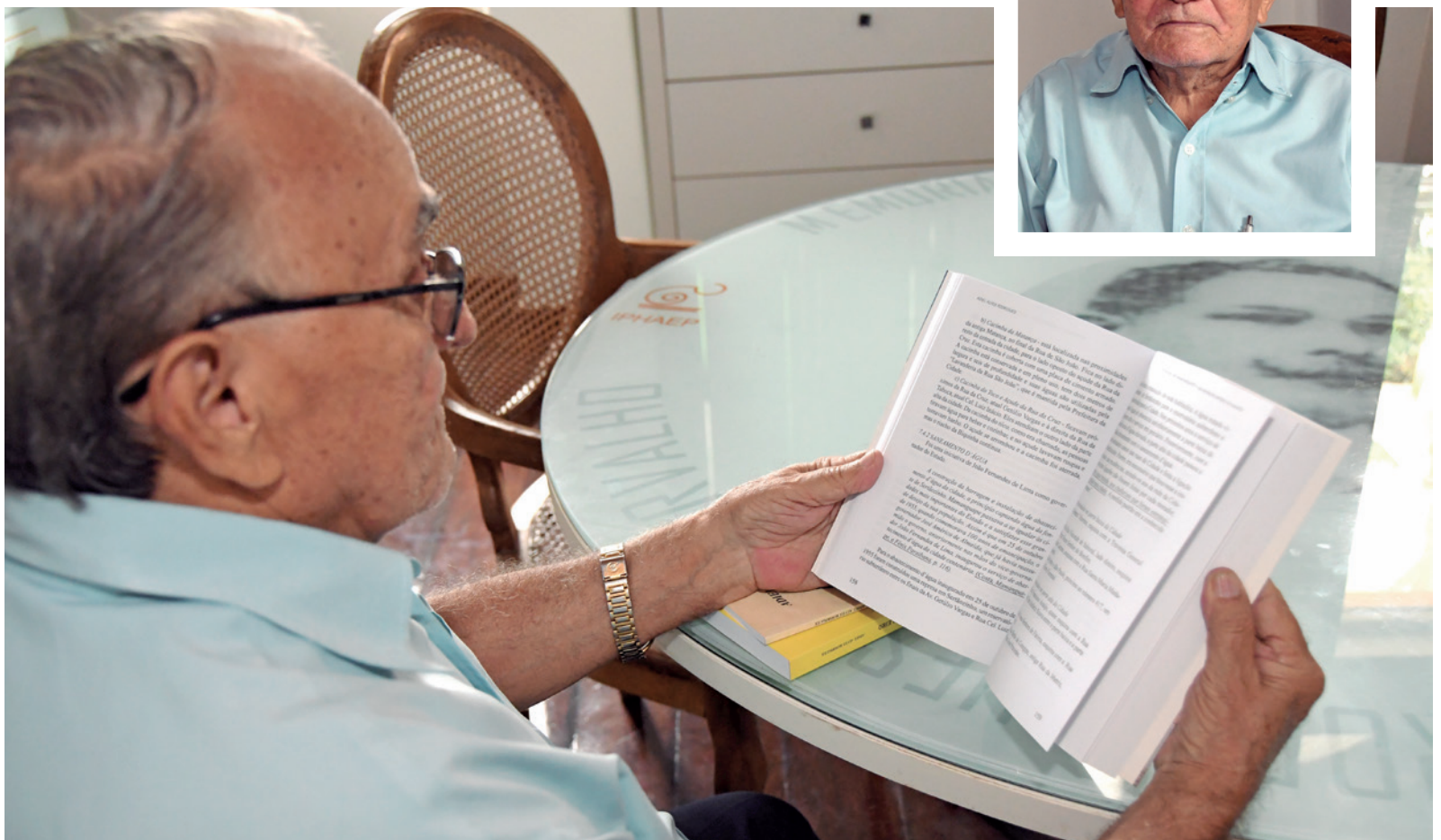
Com a morte do senhor José Adolfo, o jovem interrompeu o curso de Farmácia e viajou para Aracaju, onde passou pouco tempo, e aportou no Rio de Janeiro, na casa de Rosa Furtado do Nascimento, a tia Rosinha, no Bairro do Flamengo. Lá, teve de trabalhar em funções subalternas para se sustentar.

“Carlos Dias Fernandes trabalhou em farmácia, no Exército — no qual alcançou o posto de tenente —, nos Correios, no ‘Correio Ambulante’ e como jornalista. Todo trabalho, para ele, era digno”, declarou o escritor mamanguapense Adiel Alves Rodrigues, sócio fundador da Academia de Letras, Ciências e Artes do Vale do Mamanguape (Alca-VM) e pastor da Igreja Evangélica Congregacional do Brasil.

Escritor mamanguapense Adiel Alves Rodrigues é o sócio fundador da Academia de Letras, Ciências e Artes do Vale do Mamanguape (Alca-VM) que ocupa a cadeira nº 11, cujo patrono é seu conterrâneo, Dias Fernandes



FOTOS: EVANDRO PEREIRA



Exército

A vida no Exército surgiu quando Carlos D. Fernandes estava no Rio de Janeiro, na casa de tia Rosinha e, segundo a obra de Eduardo Martins, reventara a Revolta da Armada. Então, CDF “fez-se soldado da Guarda Nacional, de Floriano, sendo logo promovido a ajudante-instrutor”.

Subiu de patente, tornando-se tenente, sendo designado para comandar o Forte de Juru-juba, função que imaginara de grande importância, mas tratava-se apenas de uma pequena e esquecida fortificação de um recôncavo do litoral. Participou de algumas missões e, mais tarde, aderiu ao convite de exoneração voluntária do Ministro da Guerra e voltou a morar na capital carioca.

O escritor Adiel Alves Rodrigues ocupa a cadeira nº 11, da Alca-VM, cujo patrono é seu conterrâneo, Dias Fernandes, e, dos três livros que escreveu, um deles é *Carlos Dias Fernandes, o mamanguapense*. Para ele, “é por demais honroso” ocupar esse assento, “pois, ele (CDF) foi um legítimo mamanguapense; apesar de ter andado por muitas partes do mundo, porém nunca se esqueceu da terra em que nasceu”.

Sim, Carlos Dias Fernandes viajou por países da Europa e América. Conheceu cidades dos Estados Unidos, Portugal, Espanha, Suíça e Itália. No Brasil, morou em Recife, Aracaju, São Paulo, Manaus, Belém do Pará, João Pessoa e no Rio de Janeiro, onde passou grande parte da sua vida.

Pelos lugares que passava, ele deixava traços de sua escrita, do jornalismo, da personalidade irreverente e inteligência notável. Ao longo da carreira, trabalhou em vários periódicos do Brasil. Em alguns, assumiu cargo de liderança e

noutros contribuiu com suas ideias impressas nas páginas dos jornais.

Entre os veículos fluminenses que atuou estão *O Debate*, à convite de Ubaldino do Amaral, em 1893; *Jornal do Comércio*, também por intermédio de Amaral; *A Imprensa*, onde secretariou Rui Barbosa; *Cidade do Rio*, fundado pelo abolicionista José do Patrocínio, a *Gazeta da Tarde e O Paiz*, ocupando, neste último, posto de destaque. Ainda trabalhou na *Gazeta de Belém*, dirigiu *A Província do Pará*, ficou cerca de três anos no *Jornal do Recife* e foi diretor do jornal paraibano **A União**. Após passar uma temporada no Norte do país, retornou ao Nordeste e, em 1912, formou-se em Direito pela Faculdade de Recife.

Na obra que escreveu sobre o paraibano, Eduardo Martins afirmou que “Carlos, como bem observou Assis Chateaubriand, tinha ‘uma independência tão feroz de espírito, processos de indisciplina mental tão rudes e uma audácia de atitude de tal modo prodigiosa, que bem se pode imaginar o que foi a presença dessa originalidade num meio pacato como o da Paraíba, quando ele ali estalou (...). Mas a Paraíba, que a princípio pretendeu repelir Carlos, acabou habituando-se a admirar o trabalhador incansável, o boêmio inocente, o escritor inconfundível que ele é. O clero e as classes conservadoras ensarilharam as armas e vieram confraternizar com as academias, onde o poeta ilustre pontificava, com o credo da sua nova estética”.

Ao comentar sobre o legado de CDF, Adiel Alves Rodrigues frisou que, “sabendo-se



FOTO: ARQUIVO UNIÃO

Como observou Assis Chateaubriand, Fernandes (foto acima) tinha “uma independência tão feroz de espírito, processos de indisciplina mental tão rudes, e uma audácia de atitude de tal modo prodigiosa, que bem se pode imaginar o que foi a presença dessa originalidade num meio pacato como o da Paraíba”

que, em 1976, Eduardo Martins, biógrafo de Carlos Dias Fernandes, já registrava que ele havia escrito 40 livros, 459 artigos em jornais e revistas e havia 236 fontes para o estudo da vida de Carlos Dias Fernandes, é algo surpreendente”.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Segundo o escritor, jornalista e historiador Evandro da Nóbrega, o paraibano se consolidou na Literatura, no Jornalismo, no Direito e no jeito excêntrico de ser. “CDF mostrava-se como um personagem vibrante, ‘elétrico’, imparável, entusiasmado, irreverente, supermovimentado, endiabrado, infernal mesmo”

O escritor ainda destacou a ecleticidade literária do ilustre conterrâneo, que não se resumia apenas nos poemas. “É bom que se saiba que ele escreveu usando os diferentes gêneros literários: poesias, romances, novelas, contos, crônicas, conferências, discursos, e fábulas. Por outro lado, deve-se informar que uma boa parte de seus livros foram escritos a pedido, revelando a credibilidade que sua erudição desfrutava”.

Carlos Dias Fernandes escreveu, segundo Adiel, sobre os mais variados assuntos, abordando temas como “administração pública, agricultura, autobiografia, biografia, cangaço, didática, feminismo, história do Brasil, patriotismo, proteção aos animais, regionalismo, religião, saúde pública, vegetarianismo, assuntos variados e algumas fábulas”.

Adiel não conhece nenhum escritor paraibano que tenha escrito tanto, em vários gêneros literários e sobre tão grande número de assuntos. Portanto, “sua contribuição para a cultu-

ra paraibana merece grande estima”, declarou.

A coletânea de perfis *Paraíba na Literatura III*, publicada em 2021 pela Editora **A União**, tem algumas páginas dedicadas a Carlos D. Fernandes, cuja vida e obra é comentada pelo escritor, editor, jornalista e historiador, Evandro da Nóbrega.

Na publicação, ele discorre sobre as multifacetadas do ilustre intelectual que nascera há mais de um século e, ao longo dos 68 anos de vida, “levou existência supertrepidante”, sendo um “escritor naturalista, poeta simbolista, jornalista, advogado, romancista, crítico literário, contista, crítico social, pedagogo, gramático, articulista, polemista, emérito *causeur*, poliglota, humanista, conferencista, espadachim, tenente do Exército (da Arma da Cavalaria), vegetariano convicto, paladino dos direitos animais, precursor do feminismo, preservacionista, defensor do meio ambiente, antitabagista ferrenho, polímata, polígrafo, diretor do Jornal **A União** por

12 anos, ‘médico de bordo’ num navio do Amazonas...”.

Em entrevista ao *Correio das Artes*, Evandro frisou que Carlos D. Fernandes “ficou, sobretudo, como escritor de muita originalidade, inspirado poeta e polemista coruscante. Também levantou algumas bandeiras, inclusive a defesa dos direitos da mulher. “Embora, paradoxalmente, tenha-se medido em graves episódios complicados com o elemento feminino: como era um sujeito *mui* atraente, com seu porte atlético, costumes galantes, discurso fascinante e a vasta cabeleira de poeta, tornava-se também fisicamente irresistível para muitas moças e até mulheres casadas ou comprometidas”.

Um dos trechos escritos por Evandro da Nóbrega, em *Paraíba na Literatura III*, mostra que Carlos envolvia-se em confusões com jovens e belas mulheres (e, por vezes, com seus maridos). “Teve que deixar Manaus, sob a acusação de haver provocado o suicídio de uma moça por ele apaixonada.

No Pará, diz-se haver assassinado um rival em duelo”, fri-sou Nóbrega.

Aventuras amorosas à parte, o nome do paraibano se consolidou mesmo foi na Literatura, no Jornalismo, no Direito e no jeito excêntrico e marcante de ser. “CDF mostrava-se como um personagem vibrante, ‘elétrico’, imparável, entusiasmado, irreverente, supermovimentado, endiabrado, infernal mesmo”.

Evandro da Nóbrega reforça a multiplicidade de talentos do intelectual, que atuava, “simultaneamente, nas mais variadas áreas: jornalismo, advocacia, literatura em geral, poesia em particular, oratória, desportos (era fisiculturista e espadachim, mestre no florete!)...”.

CDF ainda esbanjava conhecimentos, inclusive da cultura clássica. “Estudara bastante o latim e o grego, além, claro, do português, do francês, do espanhol, do inglês etc. Frequentemente pronunciava conferências, escrevia

plaquetes para a instrução de leigos, lançava monografias sobre figuras políticas, criticava os hipócritas provincianos”, salientou Evandro.

De acordo com ele, quando estava no Recife, Carlos D. Fernandes chegou a ser preso, por causa da publicação de seu romance *A Renegada*, sob a acusação de ferir a moralidade pública. “No entanto, o presidente da República, Nilo Peçanha, lhe concedeu o indulto, tendo em vista seus notórias qualidades intelectuais”.

Para Evandro, a originalidade das obras de CDF salta à vista. Entre os 40 títulos lançados pelo autor, ele exalta grande parte delas. As primeiras da lista são *Fretana* (1936); *Palma de Acanthos* (1901); *Solaus* (1902); *Vanitas canitatum* (1906); *A Renegada* (1908); *Canção de Vesta* (1908); *Gesta Brasilica* (1938); *Gesta Nostra: Poema luso-brasileiro* (1942); *Os cangaceiros: Romance de costumes sertanejos* (1908) e *Terra da Promissão: Poema do Nordeste* (1923).

Segundo ele, mesmo em se tratando de uma ideia algo utópica ou, no mínimo, irrealista, “a intelectualidade

paraibana muito teria a ganhar com a republicação ou reedição da obra completa (‘casca-e-nó’, como se diz) de CDF”.

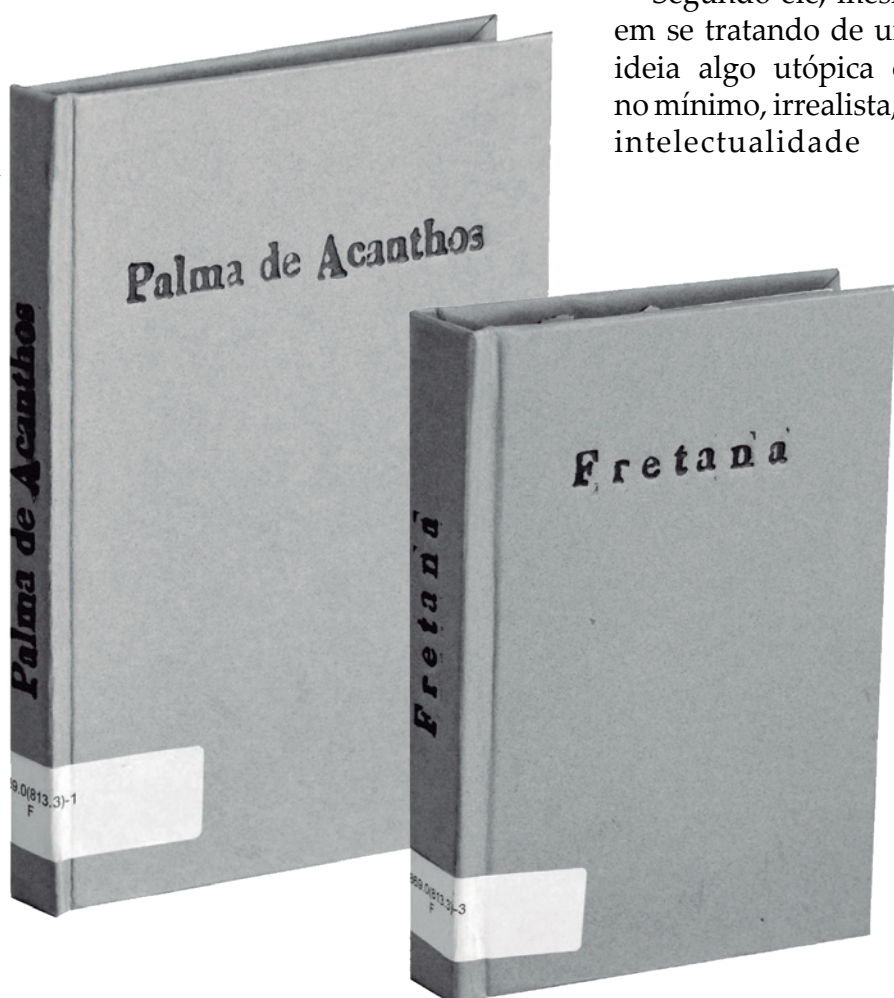
A mesma defesa faz o imortal da Academia Paraibana de Letras (APL), Eitel Santiago, que ocupa a cadeira de nº 32, cujo antecessor foi o cineasta e escritor Willis Leal (1936-2020) e o patronato pertence a Carlos D. Fernandes.

“O mais falado romance dele, na ficção, é *Os cangaceiros*. Tem também *Fretana*. Aliás, precisaria, num momento como esse, que se festeja certo centenário de nascimento de uma figura como Carlos Dias Fernandes, e pensar, através da Secretaria de Cultura do Estado, para republicar algumas obras desse escritor”, sugeriu Eitel, que é escritor, subprocurador aposentado e ex-secretário-geral do Ministério Público da União (MPU).

O procurador ainda reforçou que muita gente não tem acesso a obra de CDF porque estão esgotadas. Segundo ele, é de grande importância assumir a cadeira de nº 32 da APL, que foi ocupada e traz referência de nomes tão relevantes na história cultural do estado. “Tenho a honra de suceder esse povo na cadeira 32, com uma responsabilidade muito grande para tentar ser o menor, mas ter algum brilho nesse assento patrocinado por Carlos Dias e fundado pelo ex-governador paraibano, Ernani Satyro, que teve como primeiro sucessor Willis Leal”.

Entre os 40 títulos lançados pelo autor, estão ‘Palma de Acanthos’, um de seus primeiros livros, apresentado em 1901; e uma autobiografia romanceada, ‘Fretana’, publicada originalmente em 1936

FOTOS: ARQUIVO A UNIÃO



Inesquecível convivência

Um dos amigos de Carlos Dias Fernandes foi o poeta catarinense Cruz e Souza (João da Cruz e Souza), cuja estética da escrita despertava admiração no paraibano. Uma das passagens curiosas da obra de Eduardo Martins conta que, certo dia, o poeta negro foi até a pensão fluminense onde CDF dividia um cômodo com um colega de letras e dificuldades, para mostrar-lhe uns versos.

Neste meio de hospedagem, também estavam duas belas moças que costumavam banhar-se no quintal, de onde Carlos podia ver tudo do seu quarto, no primeiro andar. Coincidentemente, num desses momentos de intimidade das moças ocorreu no dia da visita de Cruz e Souza. Enquanto o amigo catarinense lia seus poemas, exaltado, Carlos olhava distraído as jovens tomando banho no quintal. Ao perceber que estava sendo ignorado, o intelectual simbolista sentiu-se tão humilhado que saiu revoltado, aos prantos.

E assim, Cruz e Souza caminhou pelas ruas do Rio de Janeiro com CDF lhe acompanhando e suplicando perdão pela falta de respeito. O colega de quarto também tomou parte na cena. Quando Cruz e Souza estava prestes a tomar o bonde, Carlos recorreu ao gesto extremo para se redimir com o amigo e beijou-lhe os pés.

O autor Eduardo Martins, então, descreve bem o ato de CDF. “Mal, porém, o ídolo tomou o bonde, com um adeus saudoso, o endiabrado Carlos virou-se para o companheiro que com ele ficara e disse-lhe com vivacidade e sofreguidão:

— Depressa, vamos ver se ainda pegamos o resto do banho!”

Após a morte de Cruz e Souza, aos 36 anos, em 1898, vítima da tuberculose e miséria, Fernandes fundou com Saturnino Meirelles, Maurício Jubim, Tibúrcio de Freitas e Elycio de Carvalho, duas revistas: a *Meridional* e a *Rosa Cruz*.

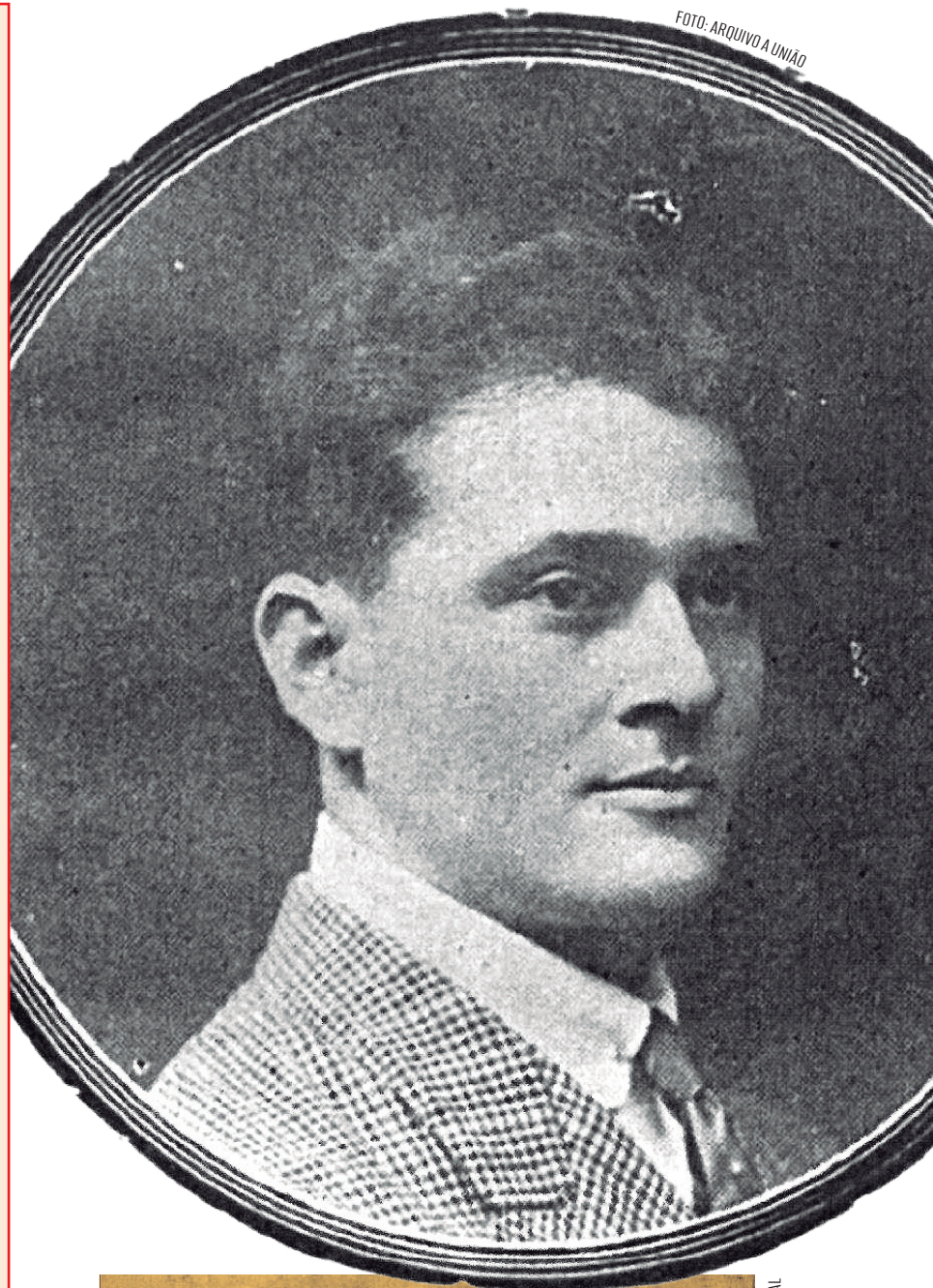
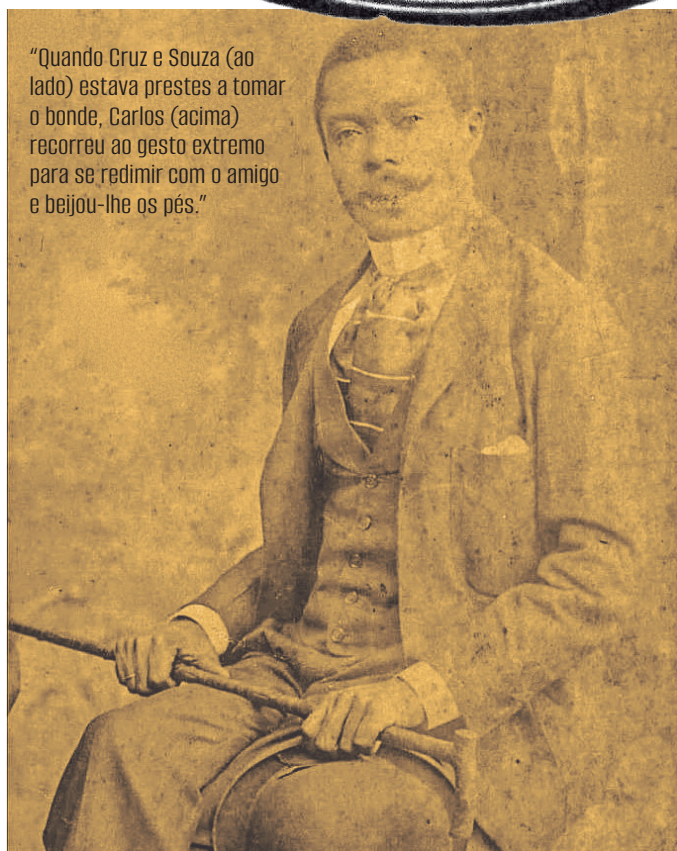


FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



“Quando Cruz e Souza (ao lado) estava prestes a tomar o bonde, Carlos (acima) recorreu ao gesto extremo para se redimir com o amigo e beijou-lhe os pés.”

FOTO: REPRODUÇÃO/ARQUIVO NACIONAL

Simbolista com vieses parnasianos

Eclético pelas diferentes áreas em que atuou e no fazer literário. Pode-se descrever assim a pessoa de Carlos D. Fernandes. Segundo o poeta e crítico literário, Hildeberto Barbosa Filho, os historiadores da literatura brasileira inserem a poesia de CDF na vertente simbolista, cujos ícones principais foram Cruz e Souza e Alphonsus de Guimarães.

“No entanto, herdeiro e cultor de uma cultura clássica, CDF não esconde o viés parnasiano do verso, sobretudo, se pensarmos na técnica rigorosa e disciplinada e nos motivos extraídos da estética greco-latina”, comentou Hildeberto, que escreveu sobre Carlos Dias Fernandes na obra *Arrecifes e Lajedos — Breve itinerário da poesia na Paraíba* (Editora Universitária).

Ele acrescentou que a poesia de Fernandes “se realiza, assim, a partir de certo hibridismo estilístico muito comum aos epígonos das grandes escolas da segunda metade do século 19 e das primeiras décadas do século 20”.

Ao fazer um recorte sobre uma publicação do autor centenário, Hildeberto citou *Fretana*, autobiografia romanceada. “Principalmente porque, em que pese o estilo arrevesado e preciosístico, característico do autor, narra, sobretudo, a sua trajetória intelectual e literária”. Segundo ele, a obra toca em aspectos seminais da formação estética e psicológica de CDF, sobretudo em relação à sua convivência com Cruz e Souza e à sua atuação jornalística em meio a revista *Rosa Cruz* e aos encaminhamentos poéticos do simbolismo brasileiro.

Barbosa enfocou que a relevância da figura do intelectual para a literatura brasileira reside, “não tanto no conjunto mesclado e disforme de sua obra de criação (a ficção e a poesia), mas, sobremaneira, na sua presença crítica, na sua energia participante, na sua inquietação e dinamismo dentro da cena cultural e no seu olhar, ao mesmo tempo polêmico e pedagógico, diante das obras de seus pares”.

Segundo o crítico literário, CDF foi um “grande jornalista, grande articulista, polígrafo e polímata, nenhum tema e nenhum assunto lhe foram indiferentes. Seu nome há de ficar, principalmente no que concerne à história do jornalismo cultural e literário”.

Segundo o crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, Fernandes foi um grande jornalista e articulista, cujo “nome há de ficar, principalmente no que concerne à história do jornalismo cultural e literário”



FOTO: EDSON MATOS / ARQUIVO A UNIÃO

“Malabarista de palavras”

Mesmo não sendo com tanta frequência quanto a prática da escrita, Carlos Dias Fernandes também atuava como conferencista e foi convidado para algumas palestras, inclusive fora do Brasil. Isso lhe conferiu ainda mais credibilidade e respeito, devido ao sucesso que a atividade alcançava.

Um desses exemplos foi em 1925, quando se dirigia ao Rio de Janeiro e fez uma pausa em Recife. Nesse período, realizou duas conferências. Uma no auditório do Departamento de Saúde e Assistência, abordando o tema “O dever do momento”. A outra, ocorreu no dia seguinte, no salão nobre da Escola Normal Oficial, dissertando sobre “A Fazenda e o Campo”, tema de relevância econômica e industrial na época.

Segundo conta Eduardo Martins, em *Carlos D. Fernandes — Notícia biobibliográfica*, as abordagens foram voltadas a um público refinado e numeroso, causando “magnífica impressão no espírito de todos que as assistiram, não somente pela riqueza, pelo primor, encanto de estilo, como também pela elevação da ideia que norteou, que dirigiu o brilhante *causeur*”.

Em 1926, Carlos Dias Fernandes saiu do Rio de Janeiro, onde já atuava em *O Paiz*, em viagem para os Estados Unidos, representando este periódico, bem como o *Jornal A União*, no Congresso Pan-Americano de Jornalistas que ocorreu em Washington. A ida ao exterior resultou ainda na série de artigos intitulada *Do Rio a Nova York — Diário de bordo*. Sobre o congresso, houve elogios retumbantes da imprensa carioca sobre a sua verve inteligente.

FOTO: MARCOS RUSSO/ARQUIVO A UNIÃO



Segundo Eitel Santiago, Carlos Dias Fernandes era um atraente prosador, tinha muito talento para contar histórias e, enquanto discorria sobre algum fato, fazia gestos teatrais

Após essa experiência, o ilustre mamanguapense recebeu o convite de honra para participar 3ª edição do Congresso Mundial de Imprensa, em Genebra, na Suíça, no mês de setembro daquele mesmo ano, uma vez que o paraibano era figura de destaque do jornalismo brasileiro.

Em julho de 1927, Fernandes participou de um evento de arte realizado no Automóvel Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, considerado um dos maiores centros da aristocracia carioca. Ele foi ouvido por mais de 800 pessoas durante 40 minutos discorrendo sobre a cultura física da mulher, tema que tinha

como título “A caminho da beleza e da saúde”.

Segundo Eitel Santiago, CDF era um atraente prosador, tinha muito talento para contar histórias e, enquanto discorria sobre algum fato, fazia gestos teatrais. O paraibano era descrito por alguns intelectuais como “o imperador dos prosadores verbais”. “Ele vivia despertando a atenção de quem o ouvia. O Osias Gomes dizia que Carlos Dias Fernandes era um malabarista de palavras e foi o imperador dos prosadores verbais em um estado que se gabava, e com razão, de ter tido grandes oradores, grandes prosadores”.

Causas sociais

Em um tempo em que a preservação do meio ambiente e a proteção dos animais não eram tão latentes como hoje em dia, Carlos Dias Fernandes ainda se destacava por defender essas e outras causas.

O poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho o descreve como uma figura de personalidade irrequieta que, apesar de sua formação clássica e, em certo sentido conservadora, assumiu posições idiossincráticas e avançadas para a sua época. “A defesa dos animais, o naturismo, o feminismo, o vegetarianismo e outras questões heterodoxas no contexto histórico de então, foram alguns dos embates que enfrentou e desenvolveu em seus escritos e nas suas práticas cotidianas”.

Apesar de sua formação clássica, Fernandes assumiu posições idiossincráticas e avançadas para a sua época

Sales Gaudêncio, vice-presidente da Academia Paraibana de Letras (APL), sugeriu a realização de um seminário sobre o mamanguapense após a reforma da sede da entidade



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Homenagens póstumas

O aniversário de nascimento 150 anos de nascimento de Carlos Dias Fernandes, completado em setembro, suscitou, em alguns intelectuais, a necessidade de retomar a discussão acerca da obra e vida do ilustre paraibano. Francisco de Sales Gaudêncio, vice-presidente da Academia Paraibana de Letras (APL), que responde interinamente pela presidência da entidade, sugeriu a realização de um seminário que reuniria a classe estudantil, jornalística e acadêmica para marcar a data.

“Então, enquanto substituído do presidente da Academia, a minha ideia é de se fazer um seminário sobre Carlos Dias Fernandes, como tantos outros paraibanos ilustres já tiveram destaque na instituição. Acredito que essa é a melhor forma de perpetuar, homenagear Fernandes, que teve essa projeção, não só paraibana, como pernambucana, sergipana, carioca, enfim, ele andou por várias províncias e estados brasileiros”, afirmou Sales Gaudêncio.

Ele explicou que, como o casarão onde funciona a APL em João Pessoa está passando por um processo de reforma, não há como definir data para o evento, mas adiantou que os serviços de restauração estão previstos para acabar em outubro. Mesmo assim, ainda é cedo para criar expectativa sobre um seminário de tamanha magnitude, uma vez que a proposta é convidar especialistas para tecer comentários sobre as diversas áreas em que CDF atuou, ou seja, ambiental, jornalística, literária, entre outras. “Carlos Dias Fernandes precisa ter um estudo para que possamos desvendar, conhecer, vivenciar, aplicar a sua obra, sobretudo, nessas áreas que são palpantes nos dias contemporâneos”, enfocou Sales.

Alca-VM

No município de Mamanguape, a memória do filho ilustre será lembrada com uma estátua de Carlos Dias Fernandes, de corpo inteiro. A informação foi do escritor Adiel Alves Rodrigues. Segundo ele, a peça será colocada na sede da Academia de Letras, Ciências e Artes do Vale do Mamanguape (Alca-VM), que fica situada na entrada da cidade.

A figura de CDF, porém, já é lembrada há muitos anos na sociedade paraibana, pois seu nome batiza locais como vias públicas e escolas. Em Mamanguape, a rua onde o pai do ilustre poeta tinha uma farmácia recebeu a sua alcunha. Algumas escolas também adotam o livro didático criado pelo escritor — *Escola Pitoresca*.

Entre os anos 1959 e 1997, existiu na cidade de Mamanguape a Escola Técnica de Comércio Carlos Dias Fernandes, que funcionava no prédio do Instituto Moderno. “O curso era ministrado em três anos, no período da noite, para dar oportunidade àqueles que trabalhavam durante o dia de poderem estudar”, contou Adiel.

Na cidade de João Pessoa, há uma rua no bairro do Cristo Redentor que foi batizada com o nome do escritor e jornalista mamanguapense. Esses são apenas alguns exemplos de iniciativas que rememoram a figura de CDF.

FOTOS: REPRODUÇÃO/ARQUIVO ADIEL ALVES RODRIGUES



Ao lado, de cima para baixo: registros das ruas com o nome de Carlos Dias Fernandes no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa; em Mamanguape; em Tibiri II (loteamento Portal do Paraíso), em Santa Rita; sobrado da família Roque Barbosa, em Mamanguape, cujo térreo funcionou uma farmácia do pai de CDF

Líder do veículo oficial do estado

Em 1912, quando o mamanguapense João Pereira de Castro Pinto assumiu o governo da Paraíba, Carlos Dias Fernandes foi convidado para assumir a direção-geral do órgão oficial do estado, o Jornal **A União**. O cargo foi assumido no ano seguinte.

Na obra *Carlos D. Fernandes – Notícia biobibliográfica*, o autor Eduardo Martins diz que a função até então não existia. “O redator-chefe, invariavelmente o Secretário do Governo, supria perfeitamente a lacuna, bastando um secretário para se incumbir da cozinha do diário e o administrador da Imprensa Oficial para cuidar da parte financeira e gráfica”.

Durante os 12 anos que ficou à frente do jornal estatal, CDF empregou seus talentos jornalísticos e conhecimentos cosmopolita na rotina da redação. Lembrando o que disse Nelson Lustosa, Edgar Martins afirmou que o gabinete de dirigente de Fernandes “era a mais avançada escola de jornalismo deste país e centro de esfuziante cultura. Escola de estudos e escola de escritores. (...) Ensinava à turma já em grau avançado, ditando, no ponteadado da fluência verbal, o preciosismo da prosa corrida, tão ao gosto da época. Prosa que muitas vezes mudava de tom e cadência a um leve cochicho partidário governamental”.

No veículo estatal, em 1919, ele publicou *O Almofadão*, impresso nas oficinas da imprensa oficial do estado, que circulava na Festa das Neves. Porém, o jornalzinho teve apenas um número publicado, pois teve a circulação suspensa por ordem do presidente Camilo de Holanda.

A personalidade marcante e excêntricas do diretor do

veículo também eram notáveis. Segundo Martins, para a “hora do café, entre duas e três da tarde, **A União** reunia um grupo de intelectuais em torno de Carlos. Às vezes, no meio do prosear, lá se lembrava de uma providência para sua Agência de Loterias Nacionais”.

“Outra vez, assombrou toda a Paraíba tornando filha adotiva dos literatos uma gata, que procurou morada no prédio d’**A União**. E dizia sempre: ‘Estamos prevenidos contra os ratos...’”.

“Que escândalo quando um carroceiro açoitava um animal em sua presença? Indignado, escrevia uma local, telefonava ao chefe de polícia, ameaçava o homem asperamente”.

Hildeberto Barbosa Filho declarou que CDF “imprimiu inovadora reforma gráfica e editorial, sobretudo, procurando valorizar o patrimônio artístico, intelectual e literário”, apontou o escritor e crítico literário. “Nesse período, que se estende até os anos 20, aglutinou, em torno de sua figura carismática e polêmica, uma *grei* de escritores e poetas que representa o melhor do sistema literário local”.

O jornalista, escritor e historiador, Evandro da Nóbrega, destacou que a atuação de Carlos D. Fernandes à frente do veículo oficial do estado estendeu-se aos governos de Antônio da Silva Pessoa (1915-1916); Solon de Lucena (1916); Camillo de Holanda (1916-1920); novamente Solon Barbosa de Lucena (1920-1924). “Já no Governo de João Suassuna (1924-1928), CDF não se sentiu à vontade com alguns elementos, digamos assim, grosseiros, trazidos do interior pelo novo governante”, comentou.

Assim, ele partiu, no governo de João Suassuna, para o Rio de Janeiro. Contudo, permaneceu ligado ao jornal como colaborador, recebendo seus proventos. Como registrou Evandro da Nóbrega na publicação *Paraíba na Literatura III*, “Suassuna, não o

querendo muito próximo, também não desejava perder a colaboração ou romper de todo com alguém tão eminente”.

Porém, quando chegou o sucessor de Suassuna, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, este assinou um único ato na data de sua posse, a demissão de CDF da direção de **A União**. “Aparentemente, e em que pese todo o prestígio do ‘factótum’ mamanguapense, João Pessoa não desejava conviver, em seu período governamental, com um intelectual que ele não conhecia direito, cujo comportamento esdrúxulo contrastava flagrantemente com a compostura austera de um ex-juiz do STM e que, adicionalmente, convivera tão intimamente com seus antecessores... oligárquicos”, frisou Evandro da Nóbrega.

Na capital paraibana, antigo edifício da Imprensa Oficial e **A União**, em registro tirado nos anos 1920

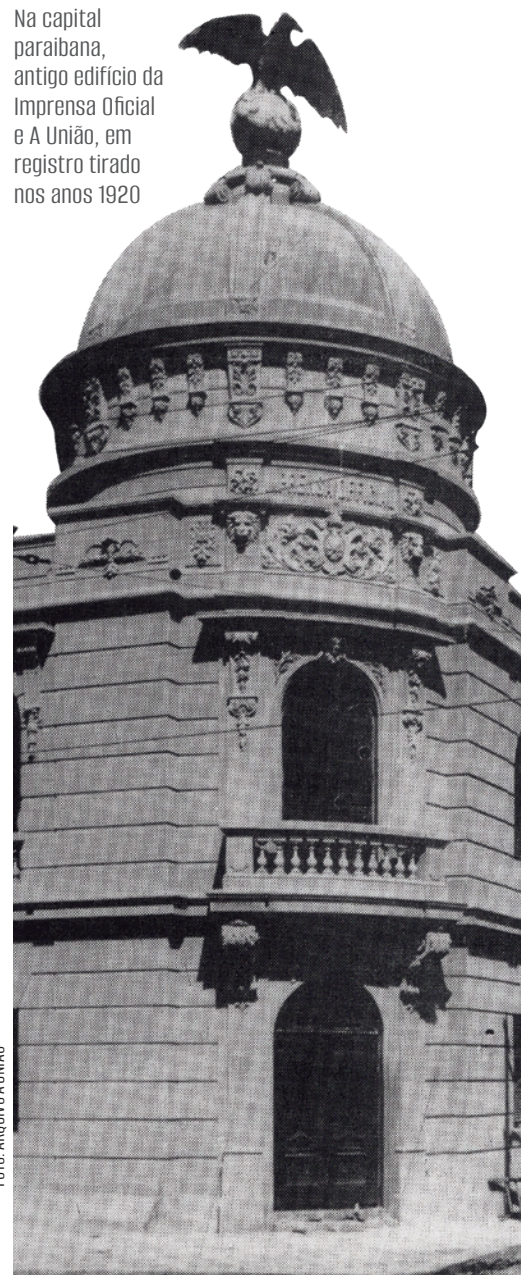


FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

Derradeiros dias

Os últimos dias de vida de Carlos D. Fernandes se deram no Sul do país. Acometido por uma doença mortal na próstata, deu seus últimos suspiros ao lado da esposa, Aurora Leal, no Hospital da Cruz Vermelha, no Rio de Janeiro.

Vale salientar que, quando João Pessoa o desligou definitivamente de **A União**, propôs a manutenção de sua remuneração. Mas, segundo registro do memorialista Eduardo Martins, CDF preferiu “a plenitude da miséria, agravada pela doença mortal, a essa capitulação da dignidade”.

Durante os anos em que viveu na capital carioca, Fernandes não esquecia do estado onde nascera e dos áureos tempos de sua trajetória profissional. “Escrevendo, a Orris Barbosa, em 1937, afirmou que se vira afastado de sua Paraíba inexplicavelmente, por injunções pequeninas de política de província. (...) Nela deixou tudo: a sua biblioteca, os seus amigos, os seus discípulos, a sua casa cheia de conforto, a sua agência de loteria, as suas noites de *poker* no Clube Astreia, os seus passeios a Tambaú, Cruz das Armas e Jaguaribe, as amadas vítimas de sua ironia, os serões barulhentos e divertidos da **A União**”, registra a obra de Martins.

Fraco, doente e solitário, Carlos Dias Fernandes saiu

desta vida quase como um ser anônimo, longe da glória que vivera em tempos de outrora. Em sua obra, Martins escreveu: “Morreu quase que esquecido — disse José Lins do Rego — sem grandes necrólogos, com enterro de pouca gente, um homem que teve uma vida que foi de mocidade tumultuosa, agitada de aventuras, cheia de lances perigosos. Lembro-me dele como de um espanto de minha adolescência. Vejo-o de cabeleira negra, de olhos vivos, de cabeça maravilhosa e toda a sugestão da glória me aparecia pela frente.”

Na lápide, o epitáfio escrito por Aurora, trazia a seguinte mensagem:

*A este feral e plácido abandono
até que enfim conseguiu vir,
não lhe perturbes o eterno sono
deixa-o em paz
deixa-o dormir.*

Filhos

Poucos são os registros sobre os filhos de Carlos Dias Fernandes. Em *Paraíba na Literatura III*, Evandro da Nóbrega afirma que ele deixou um filho, fruto do casamento com Aurora Leal — Carlos Dias Fernando Filho, que se tornou jornalista como o pai.

Porém, antes da união com a esposa, Nóbrega registra que CDF tivera outro filho, Assuero Dias Fernandes, “mas parece pouco ter ligado para ele, o que também necessita de provas documentais”.

CDF morreu no dia 9 de dezembro de 1942, aos 68 anos de idade, no Rio de Janeiro: paraibano saiu desta vida quase no anonimato

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal **A União** e repórter do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Carlos Newton Júnior

J. BORGES

Criou um mundo novo, no escarcéu das cores: plantas, pedras, homens, bichos, beatos milagreiros, santos, nichos, serpentes e dragões — um mundaréu!

Três arcanjos de fogo, um São Miguel riscados na madeira com capricho; dois amantes felizes, em cochicho, e um centauro — o vaqueiro em seu corcel.

Os pássaros, gravados no papel, parece que estão vivos, voaçantes. De tudo o que ele viu fez o seu mel.

Rasgou, da hipocrisia, o sujo véu: retratou o seu povo retirante e fez a prostituta entrar no céu.



Carlos Newton Júnior é poeta, ficcionista, ensaísta e professor universitário pernambucano. Autor de diversos livros, entre os quais 'Poeta em Londres' (2005), 'Ofício de sapateiro' (2011), e 'Memento mori: os sonetos da morte' (2020).





Analice Pereira
marianalice@hotmail.com



Catando a poesia que elas entornam no chão

Um passeio pelas perspectivas das vozes poéticas das autoras paraibanas Renálide Carvalho e Aline Cardoso, que, por confluírem para o mesmo objetivo estético e político, compõem um unísono contra um sistema esmagador

Renálide Carvalho e Aline Cardoso, duas poetisas paraibanas contemporâneas, lançaram seus mais recentes livros em dias diferentes de uma mesma semana do mês de agosto. Ambos os lançamentos aconteceram no restaurante Cheirim-bom, no bairro dos Bancários, em João Pessoa, e significaram verdadeiros acontecimentos culturais, nos quais o público pôde apreciar encontros artísticos que aliaram apresentações musicais às apresentações das obras, com significativas conversas com as autoras, além de leituras de poemas realizadas pelas pessoas presentes.

Renálide Carvalho constrói uma voz que convida quem lê a adentrar em uma iniciativa poética que sugere, ao mesmo tempo, grito de dor e de alívio que ecoa desde o norte da África até o sul do Brasil



FOTO: ANDRÉ MIRANDA / INSTAGRAM



Em 'Meus e(r)ros', Renálide Carvalho reúne poemas curtos, longos, haicais, elementos de intertextualidade e de humor, imagens duras da vida cotidiana e, também, imagens de voos livres e de prazeres eróticos

Para integrar à sua performance, cada autora convidou artistas que dialogavam, de alguma forma, com o seu livro, significando, assim, encontros de vozes poéticas e musicais na direção de se atingir os mesmos fins: dançar, confraternizar, agradecer, abraçar, sonhar, refletir sobre questões da vida humana. Renálide contou com a participação de Escurinho e do cabo-verdiano Maurício Makaperkum; e Aline com o grupo Forró das Onças, formado pelos seguintes músicos: Jéssica Cardoso no vocal, Maroka Bulhões no violão, Cássia Guimarães no zabumba e, como convidado, Lucas Carvalho na sanfona.

Cada autora, dentro das suas particularidades, compôs seu projeto literário a partir de temáticas peculiares às questões do feminino e da mulher negra, como, por exemplo, a maternidade e as violências em seus diversos níveis e aspectos que vão desde a explo-

ração do trabalho produtivo e reprodutivo, passando pelos tipos de assédio oriundos de uma força patriarcal e estrutural que persiste esmagando corpos, mentes e sonhos. Por isso, é possível observar uma certa confluência entre ambas pelas temáticas que enformam seus poemas.

Daí a ideia, para esta coluna, de lê-las pela perspectiva das suas vozes poéticas que, por confluírem para o mesmo objetivo que é estético e também político, compõem um uníssono contra um sistema esmagador; e, similarmente, por significarem "transbordamentos poéticos" (para usar um conceito que se encontra nas orelhas dos dois livros), desenvolverem, dentre outros recursos literários, o da metalinguagem, conforme os poemas comentados adiante. Importante se faz, antes mesmo de comentá-los, contextualizá-los como parte de projetos literários e não como textos isolados.

I

Meus e(r)ros é o título do livro de Renálide Carvalho. Editado pela Caravana (Ouro Preto: 2024), reúne poemas curtos, longos, haicais, elementos de intertextualidade e de humor, imagens duras da vida cotidiana e, também, imagens de voos livres e de prazeres eróticos.

Já no título, a autora anuncia uma ideia de amor num sentido mais abrangente e que remete a subjetividades humanas aparentemente (e só aparentemente) contraditórias: o amor representado pela figura de Eros, e que não se restringe ao amor sexualmente realizado e a dor expressa pela ideia do erro, que, no campo das relações humanas, ganha forma bastante relativizada, uma vez que amar também pode significar errar.

Nesse jogo lexical, elaborado formalmente pelo uso dos parênteses e da presença de um pronome possessivo de primeira pessoa, Renálide constrói uma voz que convida a leitora e o leitor a adentrar num projeto poético que sugere, ao mesmo tempo, grito de dor e de alívio que ecoa desde o norte da África até o sul do Brasil. Vejamos como isso se realiza no poema a seguir.

Modéstia

*Minha poesia fala mais
que toda filosofia,
desde o Egito a Chauí,
e, em breve, será ouvida
do Oiapoque ao Chuí.*

As aliterações, as rimas e a metrificação de *Modéstia* são artifícios criados para compor uma certa musicalidade, mas não se restringe a esse efeito. Valorar a *minha poesia* como algo que *fala mais / que toda filosofia* sugere uma ideia de distância territorial que se coloca entre o Egito e Chauí, encurtada na menção a um encontro de ideologias que pode ser compreendido como motivação

para se refletir sobre o epistemi-
cídio. De que forma?

Lembremos do pensador senegalês Cheik Anta Diop, que teve a sua tese rejeitada na Sorbone, nos anos 1950, porque defendia que os egípcios são negros e, consequentemente, que Egito é África. Se África está na base do projeto de livro de Renálide e se lemos esse poema como parte desse projeto, podemos interpretar o diálogo entre Egito e Chauí, não apenas como uma ligação territorial, mas como relação epistemológica. Nessa possibilidade de interpretação, o que estaria o eu lírico fazendo aí senão contestando aquela máxima de que “só é possível filosofar em alemão”, conforme Caetano, ironicamente, canta em sua canção “Língua”?

O título *Modéstia* se encarrega de, também por uma certa ironia, arrematar a ideia da sua poesia falar mais, falar alto e falar distante porque vai ao extremo sul apagado pelo epistemicídio, termo que explica o processo de ocultação dos conhecimentos e culturas ocidentais de certos grupos — africanos e indígenas —, vistos a partir de uma perspectiva eurocêntrica e norte-americana, que se impõe como hegemônica no campo dos diversos saberes.

A partir dessa chave de interpretação, pela qual se observa a ironia como artifício literário alusivo àquelas e àqueles que têm suas práticas culturais e seus saberes invisibilizados, compreende-se que é irônico porque, se sobra modéstia, não lhes falta brio pelo que se é e pela possibilidade de ser. Ao inferir no sentido usual da palavra, é possível perceber nela algo diferente, ou seja, o tão dito popularmente “modéstia à parte”, afinal, essa poesia não só fala do Egito a Chauí, como também será ouvida do Oiapoque a Chuí.

**Como a própria aldrava, que
chama a atenção de quem
está do lado de dentro, é
o que muitos poemas de
Aline Cardoso parecem
buscar, “convocando seus
leitores a saírem da zona
de conforto”**

II

Aldrava é o título do livro de Aline Cardoso, publicado pela Triluna (2024), editora idealizada e gerenciada pela própria autora, em João Pessoa. Por conta desse seu trabalho empreendedor no mercado editorial da cidade, Aline é uma poeta que tem se dedicado à literatura não só pela própria produção, mas, também, pelo envolvimento com publicações de livros de outras autoras e outros autores, seguindo uma linha editorial voltada para produções literárias de autoria feminina, cis e trans, de homens negros e indígenas e de pessoas LGBTQIAP+.

Para o prefaciador Eduardo Coelho, “O título deste livro de Aline Cardoso, *Aldrava*, revela um aspecto caro à sua poesia: ‘aldrava’ consiste numa argola fixada em portas, tendo a função de movê-las; também serve para bater contra portas, chamando a atenção de quem está do lado de dentro. Chamar a atenção de quem está do lado de dentro, é o que muitos dos seus poemas parecem buscar, convocando seus leitores a saírem da zona de conforto ou do isolamento”.

Escrito durante a pandemia da Covid-19 e a terrível necropolítica de Jair Bolsonaro, o livro de Aline Cardoso faz essa convocação a leitoras e leitores, ao mesmo tempo em que engaja seu ato político por meio de uma voz poética, majoritariamente feminina, regida por uma batuta que se movimenta na discussão de pautas vivenciadas por mulheres negras num país marcado pelo racismo, pela misoginia, pela homofobia e pelo genocídio.

No poema comentado a seguir, consta uma voz poética que, ao estabelecer uma interlocução com uma possível leitora e leitor, coloca-se imperativa — *leia e escreva*.

*leia um poema
como quem ouve vozes
no sussurrar de línguas mortas
até escutar o latim tamborilar
feito pandeiro
dançando forró
papila contra papila*

*escreva um poema
como quem joga cal
numa cova rasa
como quem salga os olhos
para ver o mar*

Ao indicar ordem, essa voz realiza a metapoesia como se, falando para uma segunda pessoa, falasse de si mesma: *leia um poema / como quem ouviu vozes [...] escreva um poema / [...] como quem salga os olhos / para ver o mar.*

A forma como os versos estão dispostos na folha sugere uma ideia de assincronia em que o tempo do ler e o tempo do escrever correspondem a momentos não simultâneos, porém contíguos, porque acionam dois sentidos ao mesmo tempo e que podem indicar a mesma função semântica: ouvir e ver. Basta pensarmos no quanto o verbo “ver”, por exemplo, é utilizado na comunicação cotidiana em seus sentidos mais diversos: ver com os sentidos de ouvir, apalpar, cheirar etc.

Se *Aldrava* é um mecanismo utilizado para bater portas e chamar a atenção de quem está do lado de dentro, no livro de Aline Cardoso a palavra ganha um significado metafórico quando pode ser lida como chave de uma porta que escancara um mundo que é poético e, portanto, estético, pelas suas subjetividades, mas que também invoca um sentido político importante nas pautas atuais, tão necessárias quanto urgentes.

Em linhas bem gerais, nas duas obras brevemente apresentadas aqui, ecoam vozes poéticas regidas pelo sentimento de amor num sentido muito amplo: amor das relações entre as vidas não só humanas e não só do seu tempo presente, vivido e sentido no aqui e agora, mas de toda uma ancestralidade a que se deve respeito e reverência. Em seus “eus” líricos, predominantemente femininos, ambas entornam suas poesias no chão-histórico de que fazem parte. Poesias que são, ao fim e ao cabo, gritos de liberdade, sonhos, amor, vida e arte.

Correio das Artes

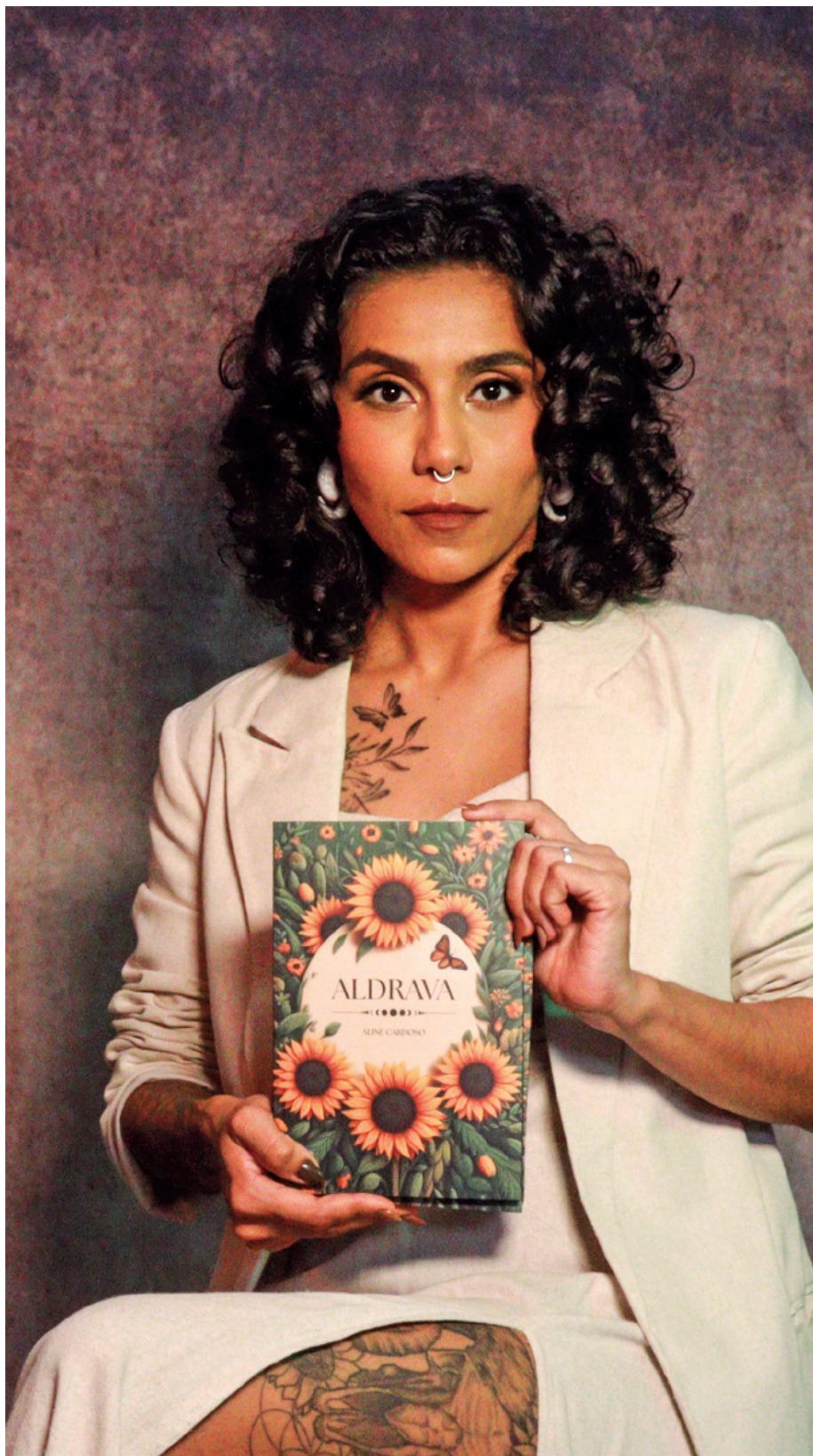


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Na obra, Aline Cardoso engaja seu ato político por meio de uma voz poética, majoritariamente feminina, regida por uma batuta que se movimenta na discussão de pautas vivenciadas por mulheres negras em um país marcado pelo racismo, pela misoginia, pela homofobia e pelo genocídio

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção.

Mora em João Pessoa (PB).

cavalo-marinho

o cavalo-marinho
com sua cauda abaulada
se contorce na água
sem saber o caminho

o cavalo-marinho
com sua calma abalada
estremece de mágoa
procurando o caminho

o cavalo-marinho
com sua cauda abalada
estremece na água
sem achar o caminho

o cavalo-marinho
com sua calma abaulada
se contorce de mágoa
sem achar o caminho

o cavalo-marinho
com sua alma afogada
esmorece na água
sem achar o caminho

o cavalo-marinho
com sua alma afogada
se liberta da mágoa
aspirando ao caminho

o cavalo-marinho
com sua alma animada
redesenha a água
reinventa o caminho

o cavalo-marinho
com sua alma lavada
com sua calma elevada
com sua cauda aprumada
se equilibra na água
para errar o caminho



ostras

sonhei que meus olhos estavam nas ostras,
que eram as ostras olhando pra mim. o que
eles viam, meus olhos de ostras? o rosto do
homem (olhando pra dentro) ao redor de si.

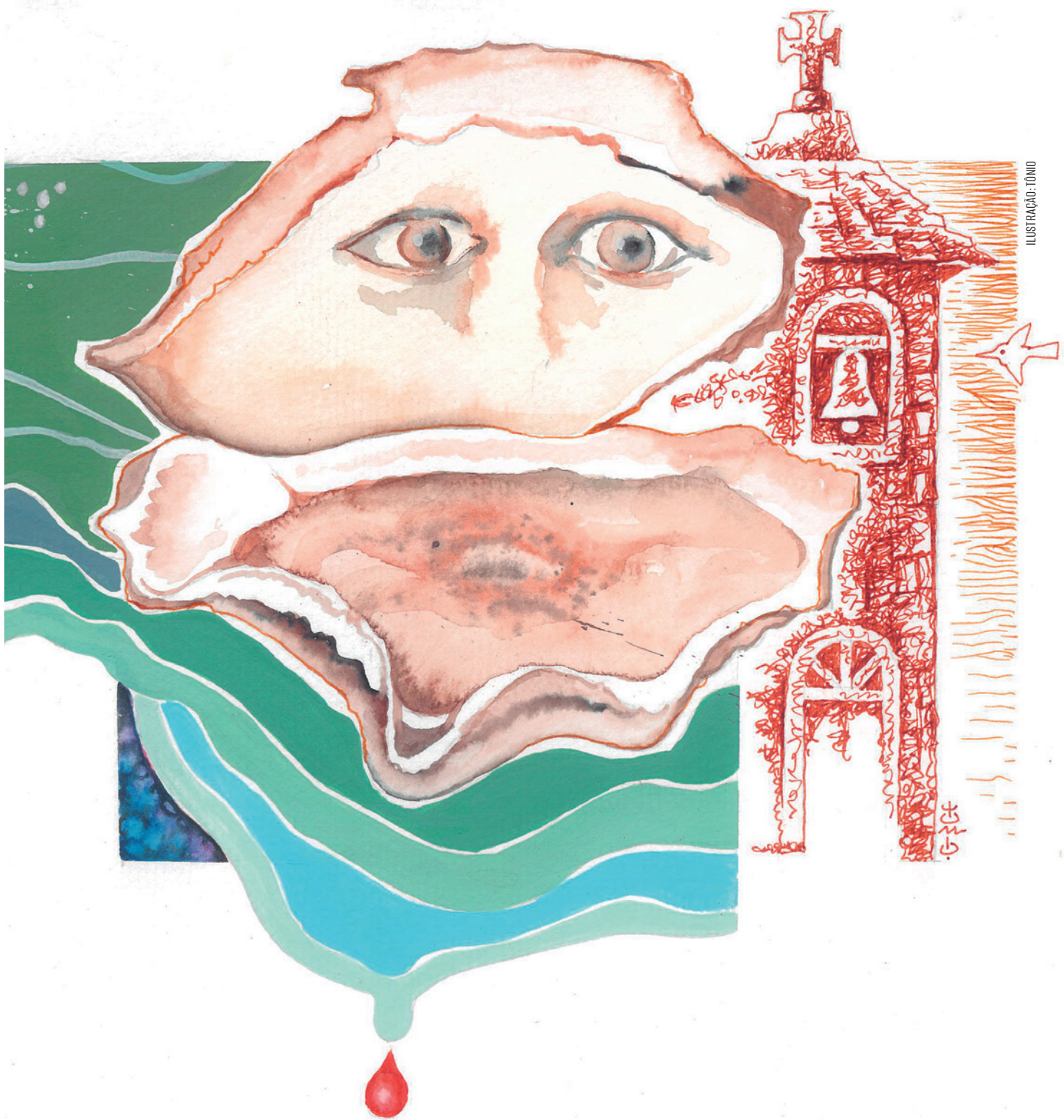
meio tom

como ave que voa meio tom acima, se esquiva
do canto e acerta em cheio a cara no sino, sigo.
largo a batuta, atravesso o baixo contínuo, fujo
à pauta e tropeço no trilho que eu mesmo risco.

em âmbar

conservado em âmbar, entre rugas
e ferrugens, em memória fóssil de
mastodonte rude, existe algo ainda
da centelha com que lancei ao solo
a colheita que gorou esmagada sob
o ferro fatídico do peso das patas?

ra de Oliveira



Andrey Pereira de Oliveira é paraibano de João Pessoa, reside em Natal (RN), onde atua como professor de literatura brasileira na UFRN. Autor de 'Utopia e agonia: o indianismo de Gonçalves Dias' (EdUFRN, 2014), 'A razão embotada: ensaios de crítica literária' (EdUFRN, 2016) e 'Coruja de trapo' (Cepe, 2024).

Os fragmentos memorialistas de uma serra

Carlos Seixas

Especial para o *Correio das Artes*

Na companhia da memória, a imaginação e a fantasia nos transportam a um mundo necessário. Aquele das histórias oralmente transmitidas e que colaboram para a formação de um povo.

Para o cabo-verdiano Mário Lúcio Sousa, “as pequenas histórias nos salvam da penosa realidade”. Em seu livro *Biografia do Língua*, o narrador é um condenado à morte a quem é concedido um último desejo; e o que escolhe é contar uma história.

Marcone Simões não é um condenado, mas um escritor primoroso. Desfila os seus relatos fragmentados, como ele mesmo informa, oriundos da tradição oral de sua família. E traz, a reboque, uma poesia encantadora que faz afago em nossos corações dilacerados pela penosa realidade. Seu mergulho na nuvem de lembranças familiares resgata a vida no campo. A dele, nos cinco enge-

‘Os Simões da serra do Gabão’ resgata a vida no campo com base na tradição oral da família do memorialista, através da trajetória de cinco engenhos

IMAGEM: ARQUIVO PESSOAL



nhos pertencentes a sua família, entre os quais o Roncador, o Bananeiras e o Laranjeiras.

Para o autor, não se trata apenas de um registro documental: “É um testemunho da vida a me lembrar que somos feitos de história e de histórias” (página 21). E esta miríade de relatos transmite a essência de um povo. O povo de Marcone, exposto nas páginas deste seu livro *Os Simões da serra do Gabão* (2022), em edição do próprio autor.

Um namoro e, em seguida, o casamento. Como tantos outros, entre os abastados, foi assim que o avô do autor, por parte de pai, Cirilo Pereira Sebastião, arranhou-se com a jovem ruiva Maria José de Aquino Simões, a Dedé.

Esse enlace é o princípio do novelo que se esparrama pelo interior nordestino, apresentando a vida social e suas oposições. Logo, Marcone antecipa o que é claro até os dias atuais: os abastados e seu ponto de encon-

tro social que ocorria na igreja; o povo e seus arrasta-pés divertidos; os ricos e seus aposentos de alvenaria; os serviçais, nos fundos do casarão, em construções de taipa. E, acrescenta: “Este livro nasceu de um forte desejo de contar alguns fatos da vida de minha família. Que seja lido e preservado como quem guarda sementes para as futuras gerações” (página 30).

A relação entre os mais ricos e o povo mais pobre também se revela quando o autor descreve os preparativos e a própria caçada, uma das atividades mais amadas por parte de Pai Simão. O foguetório, as armas, as comidas, os cães, “as mucanas, com seus aventais brancos bem engomados, agitavam-se dentro da casa-grande. Limpavam quadros, esculturas de santo, e poliam castiçais” (página 33), e os convidados, homens com paletós brancos e chapéus panamá e as mulheres com suas sombrinhas brancas,

que quando iam chegando, aos engenhos, as balançavam ao ritmo dos passos dos cavalos. Após a caçada, a noite se encerrava com os violeiros tocando, seguidos por zabumba e triângulo, em festiva alegria para todos os presentes.

Mas nem só de alegria a vida se mostra. Não se vive numa linha reta, plenamente traçada e que nos traz contentamento sempre. O relato do falecimento de Dedé, quando dá luz a Antônio, é uma dessas passagens em que o autor remexe sua mente e se apodera de um vai e vem literário. Primeiro, escreve através de um narrador bem próximo da situação, como se presente estivesse no momento passado. Depois, se afasta, conforme demonstra a seguinte passagem: “Os nascimentos naquela família eram sempre muito festejados, pois representavam um alento e uma promessa de que a vida continuaria girando em torno do clã dos Simões, que conquistara es-

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Autor Marcone Simões em visita ao galpão que abrigava a moenda de cana-de-açúcar do antigo Engenho Bananeiras, localizado em Quipapá (PE); em 1902, era produzido cachaça, açúcar mascavo e, principalmente, rapadura

tima e admiração de acordo com as regras sociais e de trabalho daquela época” (página 49).

A morte de Pai Simão, o sequestro de Dedé (por parte dos indígenas cariris), e tantos outros capítulos podem ser lidos de forma independente, sem qualquer ordem cronológica. O que importa é narrar as aventuras e desventuras familiares, transfigurar a oralidade em letras, palavras, frases, emoções. O leitor pode ficar à vontade, sem receio de se perder, a não ser na beleza da narrativa engendrada pelo autor.

Casos de assombrações que, com uma boa reza e penitências, eram afastados (tudo isto, naquelas plagas eram obras do “maligno”, “coisa-ruim”, “bicho ruim”, “maldito”, “satanás”, denominações dadas pelos nordestinos ao ser considerado inimigo de Deus); casos de sonhos reveladores, como foi o caso de Belmiro, avô do autor, que sonhou com seu casamento; caso de contatos espirituais antecipando falecimento, o do pai do autor, aos 89 anos; e muitos outros descritos com intensa poeticidade. Aqui, tudo é revelador da vertente social impregnada nas mentes do interior do Nor-

deste, onde padres, sinhazinhas, capatazes, senhores de engenho e tantos personagens compõem a faceta mais real de uma sociedade patriarcal característica dos dias de então.

O autor impõe um ritmo fino e rebuscado, utilizando palavras poéticas e suaves, aos olhos de quem as lê, como no início do capítulo 13: “O inverno chegou pesado. Havia mais de um mês que a chuva caía impiedosa e fria. A névoa envolvia toda a região do engenho Laranjeiras. Parecia um manto branco e felpudo agasalhando a terra. Não era névoa que se assusta com o sol. Aquela persistia preguiçosa e só começava a se dissipar quando o cuco do relógio cantava pela nona ou décima vez” (página 123).

E as férias, em Buíque? Ah! lembranças de todo adulto que já viveu no interior do Nordeste. O carro Veraneio, os filmes de caubói, faroeste ou banguê-banguê (com Giuliano Gemma, o famoso ator que incarnava o Ringo), as películas de Tarzan, a revista de moda *Burda*, as caçadas de passarinhos, a sangria que as famílias tomavam durante as refeições, o jogo de bolas de gude, e tantas outras. Segundo o autor, o paraíso.

Os Simões, uma gente trabalhadora e arguta desfilando seu comportamento nas páginas da vida e do livro. As memórias enraizadas na consciência e transportadas, para o papel, com fino rigor poético.

E, no título, também se impõe a localidade onde viveram, a serra do Gabão, esta serra guardiã das memórias de uma família, acolhendo e amparando uma prole infinita pelos caminhos de um Nordeste batalhador e vencedor, frente às intempéries impostas desde sempre.

E, nesse livro de memórias e criatividade, o leitor se encanta debruçando-se entre a história e a poesia tão necessárias, não só ao viver do Nordeste como a qualquer recanto do mundo, e é convidado, ao final, pelo autor, a “revelar algum antigo segredo que ficou guardado no baú da ancestralidade” (página 195), lembrando o que Sinhá Antônia disse, um dia, a Dedé quando criança: “Todo segredo um dia pode ser revelado” (página 99).

E tudo isto, acompanhado dos desenhos a bico de pena do brilhante Cavani Rosas. Enfim, a literatura agradece.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Joaquim Alfredo Simões, filho do Capitão Simões, conhecido como Quinca Simões, proprietário do Engenho Roncador, em Jurema (PE)

Carlos Seixas nasceu em Manaus (AM) e é radicado em Recife (PE). Formado em Letras e Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), publicou diversos livros, como ‘Senryus’ e ‘O Nome, Você Invental’. Atualmente, trabalha com poemas, haicais e narrativas infantis e infantojuvenis, entre outros gêneros.

A UNIÃO



ILUSTRAÇÕES: TÔNIO

Penitência

Jeová Santana

Especial para o *Correio das Artes*

Quando vi a cena, só me veio ao pensamento: começou a pagar o mal que fez no mundo. Logo, logo vieram as palavras de minha mãe, repetidas em tantas ocasiões. Diz que viu ele entrando no banheiro do mercado. Uma ruma de homem em seguida. Depois, todos saíram se ajeitando, com cara de cachorro

cagando na chuva, de gato que comeu canário. Ela morrendo de vergonha na barraca de seu Pedro. Talvez tenha sido uma ilusão. Ainda acrescento a sua capacidade como narradora. Nossas noites marcadas pela história da gata que entrou pelo telhado pra se vingar da dona que a rejeitou e meteu as unhas na sua garganta en-

quanto dormia. Ou ainda, da tarde em que chegou uma carta na fazenda onde meu avô trabalhava. Ninguém sabia ler. Foram buscá-la. Aquele toquinho de gente, rodeado de peões, a decifrar a mensagem. Meu avô, tirado a brabo, nesse dia se derreteu. Passou o resto da vida relembrando esse acontecido.

Até pensei, um dia, esclarecer com o primo um outro episódio. Foi com a namorada passar uns dias na casa dele, a convite da tia. No primeiro fim de semana, a porta aberta com toda a força. Quando se desenfio, o pau ainda duro. Ele, dentro do quarto, revólver em punho. Na minha casa, não! Escorraçou os dois com tudo quanto é nome feio. Com que cara? Isso é que é sina. Já tinham vindo corridos do interior. O pai nem tanto, mas sua mãe não aceitava, de jeito nenhum, o namoro com “aquele carvão”. A rua cheia de gente. Os dois, tão piongos, asas caídas. Pra completar, começou a cair um toró que deixou tudo mais triste. Bichinhos.

Mas o que esperar, se ele agiu com violência até com quem apareceu na sua porta dizendo ser filho. Notava-se que aquele um, vindo do nada, tinha algum distúrbio, que só se acentuou quando ele engatilhou o revólver, numa tarde de domingo em que as atenções estavam voltadas pra uma final de campeonato. “Arreda, estrupício!”. O tiro passou de raspão no infeliz que, diante de tamanha rejeição, terminou doidinho de pedra pelas ruas do matadouro e do bugio.

Parece maldição. No mesmo bar onde, embaixo de uma das abandonadas carrocerias de caminhão, o cachorro surgiu. Não mordeu, só me azunhou. Meu pai, na conversa comprida com outros fregueses, nem deu fé. Minha mãe com as mãos na cabeça. Quarenta injeções na barriga, uma por dia, no Parreiras Horta. Pois foi justamente ali. Diz que o rapaz ia passando e ele gritou: “Tuberculoso!”. O rapaz não contou conversa e respondeu na bucha: “É melhor ser tuberculoso do que veado!”. Bastou isso. Puxou o três-oitão e descarregou. Pá! Pá! Pá! Pá! Pá! Pá! Pá! Aqui lá nele! Nas caixas do peito. Morreu na hora. E tem quem escape? E é arrelique pra alguém se salvar numa situação daquela? Nem por

força de reza. Foi uma comoção na cidade, pois o pobre de Cristo era filho único de mãe viúva. *O locutor do Cidade Aflita — O registro vivo da notícia a cobrar justiça, aos brados, todas as manhãs.*

Meu avô deu guarida? Acho difícil. Arrumou algum muquifo com alguém. Se viu obrigado por causa da filha. Fugiu do flagrante. Depois se apresentou e, apesar da patente, subiu pra penitenciária. A tia me levava nas visitas de domingo. Enquanto os dois conversavam de cabeça baixa, ficava observando o lento vaivém de alguns presos; outros numa pelada improvisada no meio do pátio, com tamboretas servido de trave. A parte boa é que ele negociava com os da marcenaria e me enchia com brinquedos de madeira: mané-gostoso, carrossel, pião, trator, caçamba, enchedeira. Queira ser tratorista quando cres-

cesse. Era uma festa pros olhos quando um deles ia pro barreiro no sítio de seu Antônio, marchante e fabricante de sebo, que ficava em frente a nossa casa. Esse desejo só era superado pelo de ser cantor como Paulo Sérgio. Vivia a improvisar vassouras em microfones pra cantar “Esta é a última canção / que eu faço pra você”.

Sem uma perna, seco como cipó de goiabeira, na cadeira de roda empurrada por um moleque da vizinhança. Será que perdeu a mania de querer obrigar os outros a beber cachaça? Lembro bem: “Cerveja é coisa de menino”, com o beijo caído. Quando vi já estava em cima. Poderia ter relevado e ido falar com ele, em nome das muitas revistas de caubói que me emprestou. Por ter me levado pra conhecer o marzão e me ensinado a nadar, pra agonia de minha mãe que me achava muito



afuito. Só não deu certo me ensinar a andar de bicicleta. Desistiu diante do meu péssimo senso de direção. Esse fracasso ficou como um borrão na infância. E olhe que tive tempo de sobra, pois só fui pra escola com sete anos.

Também não me esqueço que estava ao meu lado quando fui perder o cabaço no Cantinho da Saudade. Tinha de 12 pra 13 anos. Me jogou lá com uma puta feia do cacete. Cê precisava ver. Eu, com um pinto miúdo, sofri horrores, mais que bode embarcado. Tinha tudo pra ficar com trauma, mas gostei da fuleiragem. Aquela luzinha mansa, os palavrões, a risadaria, Waldick Soriano, numa radiola troncha, cantando que não era cachorro não, Evaldo Braga a berrar que sentia bastante pesada a cruz que carregava.

Sempre foi um escroto. Uma das situações mais vexatórias tornou-se uma de suas resenhas preferidas. Quando tinha o azar de passar em algum bar onde ele estivesse, não tinha conversa: conte lá como foi que você derrubou o caixão do filho de Manezinho. E lá ia eu, todo sem jeito, reviver tudo de novo. O trupé foi nos Cambuís, o cemitério dos lascados. O anjinho rolou pra dentro da cova. Não adiantava dizer que tropecei, não tive a intenção. Que nada! Na sua cabeça, fiz de propósito pra humilhar o pai do anjinho por conta das histórias que era macumbeiro, ficava atuado, pegava caboclo, o que deixava os guris da rua se mijando de medo.

A pessoa vê coisa nesse mundo. Não tenho como esquecer outro fiasco. Meu pai, que passava a vida toda dizendo que daria uma grande festa pro meu aniversário, coisa que nunca aconteceu, um dia chegou com a história que eu não poderia continuar pagão. Minha mãe

Minha mãe, diante da penúria, pedia a meu pai que me levasse pra trabalhar nas usinas. Tive sorte. Ele fez finca-pé. Disse que sabia o que era trabalho, que eu só iria estudar, pra ser gente na vida, não um daqueles moleques buchudos, largados à sorte na bagaceira e na moagem da cana

e eu estranhamos, já que vivia metendo a bomba nos padres. Sem consultá-la, decidiu que ele seria o padrinho. Lá fui eu, já um galalau, no meio de um monte de pirralhos e bebês berrando como bezeros desmamados, numa manhã de domingo quente feito a besta-fera. Ele chegou meio tungado. Pra completar o que já estava ruim, o padre implicou que ele não poderia ser padrinho porque também era pagão. Confusão da peste! Quis pegar o padre pelo gogó. Meu pai teve um trabalho do cão pra contê-lo e levá-lo pra fora. Minha mãe e eu com a cara no chão. O povo todo olhando.

Essa me botou sal na moleira e fiz de tudo pra não ter mais a sua presença em minha vida. O fato de termos mudado de bairro facilitou muito. Uma visita ou outra pra minha tia, rezando

pra ele não estar em casa, o que acontecia na maioria das vezes. Quando estava, sempre tomava umas depois do almoço. Com o tempo, pegou o hábito de dormir pesadamente na rede da varanda. Um alívio. Aproveitava a brecha e dava um jeito de escapulir em busca dos moleques com quem tinha amizade. Um deles, um dia, levantou a lebre ao me dizer o que ouviu de uma conversa, sobre ele, entre os pais. Só não dei nele porque era maior que eu. “Aquilo é um fresco” foi a frase da conversa que ficou picando no meu juízo. Não tinha a menor condição de separar sua imagem em duas: o da autoridade por conta da farda, e o que não se encaixava na macheza que campeava mundo afora.

Naquele tempo o tinha em alta conta por ser o cara que aliviava o peso da pobreza, dando-me alternativas, no quesito diversão, ao dinheirinho contado que meu pai me dava. Tinha que me equilibrar nas contas pra ir com uma galera ao Cine Vera Cruz ou Bomfim ver os filmes de faroeste e karatê, ou comprar gibis, álbum de figurinhas, *Placar* — a revista do futebol. Minha mãe, diante da penúria, pedia a meu pai que me levasse pra trabalhar nas usinas. Tive sorte. Ele fez finca-pé. Disse que sabia o que era trabalho, que eu só iria estudar, pra ser gente na vida, não um daqueles moleques buchudos, largados à sorte na bagaceira e na moagem da cana.

Na dúvida, se ainda gosta de fazer o povo beber a pulso, fiz que não ouvi o apelido de infância, que só ele usa, “Guaxinim, fale com os homens!”, e passei direto, com o pescoço duro, a caminho do ponto de ônibus, sem olhar pra trás feito a mulher do sal. Melhor assim. Meu coração ainda é de menino.

Jeová Santana nasceu em Maruim (SE), em 1961. É doutor em Educação pela PUC-SP e professor de literatura. Entre os livros que publicou, estão ‘Dentro da Casca’ (1993), ‘A Ossatura’ (2002), ‘Inventário de Ranhuras’ (2006) e ‘Poemas Passageiros’ (2011). Mora em Marechal Deodoro (AL).

conteúdo e forma

a letra
como o dedo em movimento
descreve a imagem na areia

a palavra
como a boca na surpresa
devaneia signos de anatomia

a mão
naturalmente plástica
acaricia

utopia

o infinito
passar
coagula quase
no sonho que
se quer real

contratempo
ou termo
da linguagem
adormecida
na voz

ou um olhar
doutra esfera
lapidando utopia
com partículas
de tempo?

micro-espacos
gestam um
universo
vasto e
avesso

enquanto
o desejo germina
da semente
o fato de ser
vida

amor limítrofe

chorando colírio
desembestado rua afora
pisando pulando
"alvomóveis"
seguia corria as artérias
da cidade cizenta
cheirando pós
moderno
o cataclisma do peito batendo
os aromas da lanchonetes
deus-sol nas cores
de todas as cores
as lojas rompendo seus hímens
os trajetos pré-codificados
os Homens errantes parados
e verdadeiramente reais
no dinâmica que recria o
ENCANTO
projetado no tempo
de todos os homens
(não é Ele que corre devaneio
é o seu coração)



a rua dos loucos

estranho, suavemente estranho

casas enormes
pedras
asfalto

as copas das árvores
em fila dupla
são inúteis em cores, odores e sombras



as castanholas caem
- sinuca -
Nos depósitos de lixo

e as crianças que passam
meu deus! Todos os dias
recomeçam esse jogo

quem traficou os homens?

e dos Santos



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Eduardo Jorge dos Santos nasceu em Alagoa Nova e está radicado em Campina Grande desde a adolescência. Formado em Sociologia pela UFPB (hoje UFCG), seu legado é lembrado tanto por sua atuação como educador quanto por suas contribuições à poesia e à cultura na região.



Amador Ribeiro Neto

amador.ribeiro17@gmail.com

 / festas semióticas

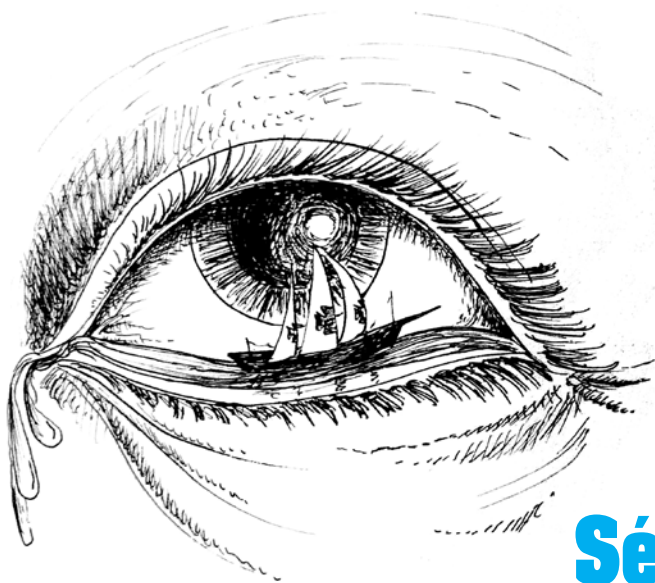


ILUSTRAÇÃO: FLÁVIO TAVARES / DIVULGAÇÃO

A poesia imensamente feliz de Sérgio de Castro Pinto em “Brando fogo das palavras”

Mário de Andrade, em carta a Drummond, observa: “Só sei uma coisa: é que uma grande calma espiritual, um grande contentamento de mim, uma certeza do que faço e do que sou me faz imensamente feliz”.

Essa a sensação que tive ao terminar a leitura de *Brando fogo das palavras* (Editora Pátua, 2024), de Sérgio Castro Pinto. O eu lírico é leve, seu humor é contagiante, a afeição envolve os poemas.

No entanto, não se pense que se trata de um livro lírico tendente ao sentimental. O lirismo desses poemas é aquele que vibra o coração e cutuca a inteligência do leitor com a vara da emoção perspícaz.

Por traz de cada poema minimalista, marca registrada do poeta, uma vastidão de sentidos se aconchega. Aí vibra sua

poesia e a sensação de felicidade que o livro traz e que os desenhos de Flávio Tavares belamente entregam ao leitor.

Subdivido em quatro partes, *Tributos, Circunstâncias & desabafos, Viventes* e *Minha fala dos bichos*, o poema que abre a coletânea traz a ideia de ato de dar graças prazeroso pela literatura, estabelecendo o dominador comum que rege todas as demais partes: “livros são pães / eucarísticos / crocantes”. A presença do adjetivo “crocantes” ao lado de “pães eucarísticos” introduz humor e prazer, junto de graças, louvando o que é sagrado e o que é mundano, ao mesmo tempo. A arte que se entrega enquanto comunhão universal de levezas.

A linguagem, as intertextualidades com grandes poe-

tas, os símbolos gráficos como o til, por exemplo, as incorporações do espaço em branco da página dando significado ao poema etc. — todos esses recursos aparecem na poesia de Sérgio Castro Pinto. Mas estão de tal modo incorporados ao conteúdo dos poemas que praticamente nos damos conta desses recursos somente quando voltamos a ler o livro pela segunda vez, atentos aos cuidados formais.

O poema de Sérgio é forma concisa e plenitude que se dá terno e na alegria do humor.

Por exemplo: os dois poemas intitulados *cremação* tocam a morte, um tema sério, com expressões do senso comum e ditos populares, recursos aparentemente fáceis. Todavia, sagazmente, vaza-os, pelo humor:

cremação (I)

quando eu for cremado,
o que será de mim,
serei pó-de-mico
ou de pirlimpimpim?

cremação (II)

às cinzas do meu pai
quero-me junto
e misturado:

fomos farinha do mesmo saco!

Nem só de leveza e humor vive a poesia de Sérgio. A saudade do grande amor vem em forma de cantiga, marcada por um costume antigo e ingênuo de gravar o nome da amada no tronco da árvore. Ato que remete o leitor ao universo infanto-juvenil. Segue a pausa de nova estrofe e o verso final introduz a solidez do amor gravado “na mais profunda raiz de mim mesmo”. A densidade lírica é outra face da beleza.

Valer-se de expressões feitas, ditados e inverter-lhes o sentido é um dos modos a que o poeta recorre com poeticidade admirável. O que poderia ser mero trocadilho, em sua poesia é diálogo com outro(s) poeta(s) ou código(s) e revelação de novo contexto.

O humor sempre retoma, agora com viés social crítico. Sem didatizar. Sem assinar a cartilha alguma, o poeta vai ao cerne da questão pela estrutura da linguagem. Por isso, um belo e universal poema:

o preto cosme, pintor de paredes

o preto cosme caiava
como quem dispara
 tiros a esmo
ou como um bêbado
que erra o prumo
e salpica-se de cal
estrela-se de cal
enluara-se de cal
caiano-se a si mesmo

qual fosse um muro
branco de susto
emparedando um preto

Como não enxergar em cada pronome oblíquo “se” uma estrela que brilha e multiplica-se no gerúndio do verbo “caiar” (caiano-se)? Verbo “caiar” que encerra o círculo iniciado pelo verbo “salpicar”, que significa cheio de manchas, com pintas variadas. E afora a beleza inesperada do muro animizado que fica “branco de susto”. Numa paródia à la Edgar Allan Poe, “emparedando um preto”. Humor que diverte e faz pensar.

Sempre ouvi falar e muito discuti sobre a “presença do ausente”. Em especial eventos ou aulas de Filosofia. Me cansavam os raciocínios demorados em tantas elaborações especulativas. Tantas confabulações estratosféricas.

A poesia de Sérgio fez tudo ficar claro num poema síntese. Que maravilha quando a forma informa poeticamente:

a preguiça

fez jus ao nome.

*desculpem, pois,
a sua ausência.*

ainda está a caminho do poema.

Brando fogo das palavras tem prefácio homenagem cheio de carinho, que Expedito Ferraz Jr. redigiu para o poeta, por ocasião de uma homenagem que lhe foi prestada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Do prefácio aos poemas, passando pelos desenhos de Flávio Tavares, o livro é (eu poderia me valer de uma dezena de termos científicos, mas vou sair dessa e terminar dizendo) UMA DELÍCIA.

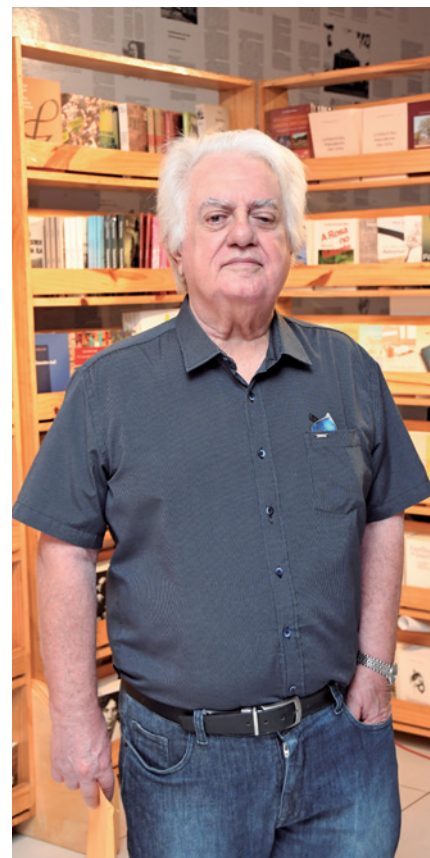


FOTO: JOÃO PEDROSA

Em “Brando fogo das palavras”, o eu lírico de Sérgio Castro Pinto (acima) é leve e com humor é contagiante; a obra conta com ilustrações de Flávio Tavares (página anterior)

O lirismo desses poemas é aquele que vibra o coração e cutuca a inteligência do leitor com a vara da emoção perspicaz.

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

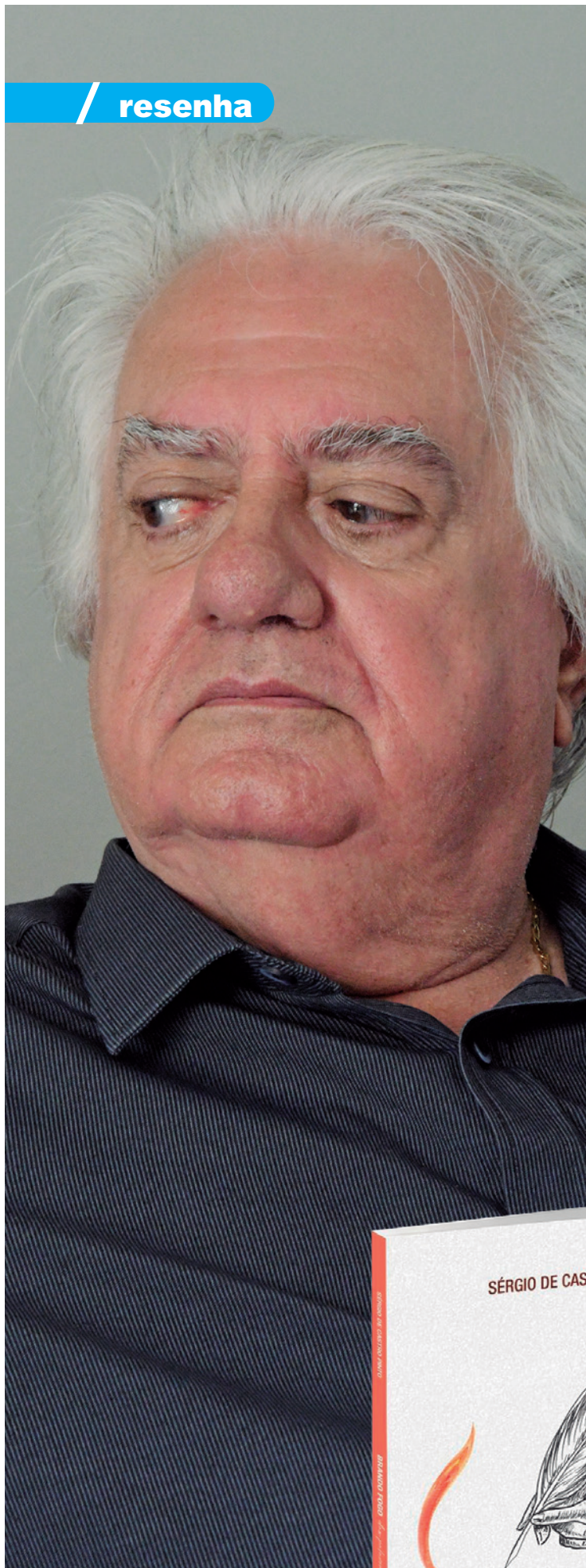


FOTO: LEONARDO ARIEL

A carpintaria mágica e verbal em Sérgio de Castro Pinto

Alexandra Vieira de Almeida

Especial para o *Correio das Artes*

Ao ler o livro de poemas de Sérgio de Castro Pinto, *Brando fogo das palavras* (Patuá, 2024), nos deparamos com um humor brando, leve e sutil tal qual se encontra nos grandes mestres da arte literária, que souberam burilar as palavras com toda sua carpintaria mágica e verbal. Pensamos a sua poética como uma joia pequena, delicada, mas que, por isso mesmo, tem um intenso valor, não pelo seu tamanho, mas pelo seu brilho singular, o que faz de seus versos concisos exemplos de precisão e perfeição bem urdidadas. É vibrante seu jogo com as palavras, o trabalho com a linguagem, não de forma ornamental ou carnavalesca, mas com a utilização de elementos essenciais, resultante de um trabalho minucioso de seleção e escolha das palavras mais adequadas ao seu jogo textual e linguístico.

O livro conta, nas orelhas e na quarta capa, com uma rica fortuna crítica, em que comparecem nomes de relevância, tanto na crítica quanto na literatura. São eles: Ivo Barroso, Waldir Ayala,

Na nova coletânea poética, 'Brando fogo das palavras' (Editora Patuá), Castro Pinto demonstra um humor brando, leve e sutil, tal qual se encontra nos grandes mestres da arte literária



IMAGEM: DIVULGAÇÃO/PATUÁ

**A brasa é a
metáfora
mesma da
transmutação
da farinha
e dos seus
ingredientes
no pão raro da
*poiesis***

César Leal, Astier Basílio, Lêdo Ivo, Malcolm Silverman, Silvano Santiago, Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, Fábio Lucas e José Paulo Paes. Dividido em quatro partes (*Tributos*, *Circunstâncias & desabafos*, *Viventes* e *Minha fala dos bichos*), *Brando fogo das palavras* não incendeia a chama de uma indumentária desnecessária. A precisão reflexiva se urde com roupagem cortada à faca fina, com uma ironia, por vezes, sutilíssima como a pena dos pássaros em voo, cujo pouso se entrega às questões do cotidiano e da realidade costurada pelos vãos do momento, da agoridade, dos *flashes* simultâneos da vida e da existência em estágio febril.

Como epígrafe, no livro de poemas, se vale de um poema de sua própria pena, do livro *O cerco da memória*, que ora transcrevo para o deleite dos leitores:

*escrever é um suicídio branco.
um consumir-se
no fogo brando das palavras.*

*não escrever, um suicídio em branco
um consumir-se sem metáforas.*

Dessa forma, como aqui revelado, o cerne da poesia é a metáfora, saber dizer as coisas literariamente, fazendo emergir a força monumental do texto. Não o oco, o vazio, o extremamente literal, objetivo e denotativo de uma “dita poesia” que nos querem empurrar hoje, afirmando-se como status de Literatura com “L” maiúsculo. A poesia de Sérgio de Castro Pinto se escreve com “P”, em letra grande e bem visível, para que todos sintam o verdadeiro aroma desse perfume lingual que nos embriaga e intoxica com a potência estética da arte-palavra *versus* vida, pois elas não se combinam, como Sérgio escreve no poema *Arte & vida*, na segunda seção de sua obra: “que as cartas / da vida e da arte / não pertencem a um mesmo baralho”. Como disse o escritor, professor e acadêmico da ABL, Godofredo

de Oliveira Neto, a literatura não imita a realidade, mas compete com ela. Por isso, a poesia de Sérgio, apesar de ser cristal puro, tem por trás dele o que está oculto, o que se revela escondendo, em cada verso dos seus poemas, uma *imagérie* rica e incandescente qual carvão em brasa para o alimento da vida. A brasa é a metáfora mesma da transmutação da farinha e dos seus ingredientes no pão raro da *poiesis*. No poema de abertura do seu livro (seção *Tributos*), nós temos: “livros crepitam / no forno / das estantes / livros são pães / eucarísticos / crocantes”.

Aliás, nessa primeira parte de *Brando fogo das palavras*, o poeta, jornalista e professor universitário Sérgio de Castro Pinto, num processo dialógico, rende tributo a seus pares literários, formando em sua obra um panteão de escritores dos quais colheu o sumo dos mistérios, o grão que alimenta a sua refeição viva poética, pois, antropofagicamente, os escritores se valem da intertextualidade para entrar numa conversa entre irmãos. Aqui encontramos nomes como: Gertrude Stein, Eugênio de Andrade, Camões, Pessoa, Ponge, Bilac e Gullar. O poeta reinventa seus versos em novos frascos, o vinho velho em odres novos.

Nas duas últimas seções, *Viventes* e *A minha fala dos bichos*, Sérgio de Castro Pinto desafia os versos longos que não dizem nada, não aqueles que são obra de arte, mas aqueles que são um simples desabafo de botequim, uma vez que os versos longos de qualidade são tão importantes em seu dizer literário quanto aqueles que primam pela concisão, dizendo o máximo a partir do mínimo, aquele raro mínimo múltiplo, cuja mestria de domar as palavras como um cavalo alado poucos têm. Esse é o caso do poeta ora apresentado.

Na terceira parte, em um belo poema dedicado à memória de seu amigo e poeta Eurico Vieira Carneiro, percebemos o tom mórbido do texto. Sérgio finaliza a elegia *A permanência do fotógrafo* com versos num tom mais ameno e eufêmico, transpirando a força da memória e do afeto, que permanece como uma fotografia em seu ser, comovido por aquele morto que o espia e o acompanhará para o resto da vida: “abre-se (zoom!) em forma de fotografia”.

Para concluirmos nossa análise, os bichos aparecem num tom jocoso a partir de um jogo textual complexo e, ao mesmo tempo, simples; complexo em sua literariedade ao dizer coisas nas entrelinhas fiáveis da teia, como no poema *A preguiça*, que alude ao artefato metalinguístico ao comparar o trabalho do bicho vagaroso com toda a carpintaria textual e mágica que precisa do fator tempo para se esmerilar com perfeição, algo que Sérgio de Castro Pinto atinge com altivez: “fez jus ao nome / desculpem, pois, / a sua ausência. / ainda está a caminho do poema”.



incerta paixão

corre alheia, peregrina,
por incerto tempo.

olhos sábios, dizem,
perscrutam sombras e guerras:
formas de matar.

minha pedra bruta

preciso burilá-la
e transformá-la,
latente, viva, astuta.



água de rio

para leidson farias nos seus 90 anos

no meu rio
o transcurso é curto
e suas águas
destoantes
em tempo de chuva.

e creio no pensamento
do deus em mim
acostado: uma curva
da vida
que a alma enxagua
com a espuma
de quase morte.

e o rio transcorre
com seus filamentos
líquidos como lâmina
perfeita em sutil
corte na carne.

além dos olhos,
o rio não deixa
ninguém para trás.
é a metáfora da sede
que desce rumo
ao nada bem fundo.

e o corpo, casa da vida
que o rio agrega,
entre peixes e algas:
uma escoredeira
de paixões táteis,
a água desce
mansa e sem precipício
no rio da vida.

silêncio da alma

entre céus e olhares
no outro, a amizade invisível.
sua dor aflorada
e alheia, a nossa é maior?
o que habita nele:
uma solidão de um cão,
um roedor tentando
escapar de um porão.
o outro perto do outro,
mas cruel em seu olhar,
num solilóquio desalinhado.
no entanto, a dor se faz ouvir
nas ranhuras entre
peles e abraços
do outro no outro,
porém, minha dor ressoa,
ouça...

olhos da noite

os olhos espelham
imagens de outros olhos,
de cores diferentes:
naturais, artificiais,
postos em brilhos,
postos em lágrimas.
são olhos do outro
e o outro dentro
do outro pelo outro.
são os olhos da noite
que veem além
da própria noite:
os olhos meditam.

José Edmilson Rodrigues é paraibano de Campina Grande, poeta, ensaísta, advogado e funcionário público. Membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), autor de 'A solidão dos olhos e as vertigens do tempo' (Editora Mondrongo, 2018), 'A poética do Ridículo – Croniconos & Ensaíos' (Mondrongo, 2019), 'Dueto de manhãs' (Mondrongo, 2022) e 'Ensaio de tempo' (Patuá, 2024).



Tiago Germano
tdgermano@gmail.com



Falar em público

Esta semana, eu vivi um terror particular. Falar em público, sem nenhum tipo de mediação. Era uma festa literária e fui convidado para lançar o meu livro. Esperava uma mesa, alguns leitores, as formalidades de praxe. Qual não é minha surpresa quando, depois de uma apresentação teatral que também fazia parte da programação, ouço o meu nome e o gentil, porém temeroso, chamado: “O palco é todo seu”.

E lá estava eu e o palco, todo meu, ainda com o cenário bucólico de uma montagem de *Sonho de uma noite de verão*. Fingi imponência e caminhei resoluto, com a coragem de um condenado à forca, esperando que a corda arrebentasse. Leram minha biografia e nem se eu tivesse executado os 12 trabalhos de Hércules,

jamais teria tempo de preparar qualquer discurso minimamente decente. Eu não sabia o que dizer, vivendo meu pior pesadelo numa das últimas noites de nosso caloroso inverno.

Por incrível que pareça, com cinco livros lançados nas costas, era a primeira vez que estava diante de um microfone sem a presença de um interlocutor. Geralmente, em eventos dessa natureza, sempre há um mediador ou pelo menos um outro escritor ao lado, pra se revezar nesse papel. Sozinho, ali no palco, o clichê se materializou e me senti desnudo: um babuíno com o traseiro à vista, me exibindo no meio de um zoológico.

Para completar a cena, havia passado por um grande contra-tempo na viagem e só estava ali fisicamente, a alma já havia me

abandonado muito tempo antes. Recorri a Manoel de Barros: “A palavra oral não dá rascunho”, dizia ele, que raramente concedia entrevistas ao vivo. “Como não tenho a possibilidade de corrigir os erros cometidos na fala, fico descompensado. Dá-me a dor do erro, que advém do orgulho de querer falar apenas coisa que preste”.

E é óbvio que eu não sabia a citação completa, mas era a sua mais perfeita representação: um descompensado, errando na fala, sentindo a dor de cada erro, não falando coisa com coisa nem absolutamente nada que prestasse. Num breve lampejo de lucidez, apelei para a muleta que todo escritor utiliza nessas horas: aquele repertório de histórias já contadas, que sabemos que, para o bem ou para

FOTO: EVANDRO PEREIRA



Dramaturgo paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) dominava e conquistava a plateia nas suas aulas-espetáculos

Poeta cuiabano Manoel de Barros (1916-2014)
raramente concedia entrevistas ao vivo:
"A palavra oral não dá rascunho"



FOTO: JONNE RORIZ/ESTADÃO CONTEÍDO

o mal, engajam. Até os gênios tinham dessas. Tomem Ariano Suassuna, por exemplo: sempre contava as mesmas histórias. Se fosse um bingo, dava até para apostar nelas. Mas não importava quantas vezes ele contava ou quantas vezes você tinha ouvido: as histórias eram sempre engraçadas, tinham sempre um ar de novidade, soavam sempre como inéditas.

Ariano, porém, não era introvertido. A maioria de nós o conheceu já idoso, sentado atrás de um birô, diante de um microfone, dominando a plateia com a voz falha, ainda assim enérgica. Quem o conheceu jovem, porém, pode atestar: era ainda mais irrequieto, andando de um lado pro outro na sala, numa outra voltagem, falando de arte e estética com os berros de um barítono e a empolgação de um narrador esportivo. Um extrovertido, em suma.

Ariano desacostumou o público literário: fez de suas aparições espetáculos quando a maioria de nós é incapaz desse feito. Ou é recatada como Manoel de Barros, ou apenas envergonhada, como eu. Sartre, por exemplo, chamou Flaubert de "o idiota da família". Parece impensável, mas o criador de *Madame Bovary* era uma piada entre os seus familiares. Não fosse sua obra monumental, não teria passado daquele parente doido que, no interior aqui do Nordeste, diziam que enlouqueceu

e virou um ermitão... "porque estudou muito".

Acreditem: por muitos anos eu fui esse parente. Enquanto os primos brincavam na rua, eu estava na janela, vendo o carro que anunciava os velórios passar imaginando como ele anunciaria o meu. Tentei matar o tempo lendo textos em que escrevi coisas como essa, afinal, o que resta a um escritor além disso? Ler o que escreveu, mas até nisso o cronista tem uma desvantagem: suas histórias são curtas, e eu as estava lendo para uma plateia cheia de crianças que talvez esperassem que um sujeito mais animado as incentivasse a ingressar no mundo dos livros, em vez de ver vídeos engraçados no YouTube.

Se servisse de consolo, eu poderia garantir: o autor é sempre pior que a obra. Mas nada me livrava da humilhação porque, convenhamos, não sou nenhum Flaubert, nem nenhum Ariano, muito menos nenhum Manoel de Barros: preciso vender o meu peixe. E basta uma noite ruim para você perder sua chance e o YouTube triunfar, com o vídeo de alguém levando uma cadeirada num debate, o que, para

todos os efeitos, é bem mais interessante para quem não está preparado, e se atreve a falar em público mesmo assim.

O que diria eu àquela plateia agora, que tenho a palavra escrita e o privilégio do rascunho, e me percebo novamente recorrendo a outros escritores e suas palavras, como Hemingway, que dizia que o melhor conselho que podia dar a um aspirante a escritor seria o de enforçar-se, e depois ser retirado impiedosamente da força para descobrir que escrever bem é difícil a ponto de ser impossível, "mas pelo menos ele terá, como ponto de partida, a história do enforcamento".

Sobrevivi ao meu enforcamento, e, ao final de uma série de perguntas e respostas a que me submeti miseravelmente, tentando dar protagonismo à plateia, recebi uma homenagem singela dos organizadores e voltei pra casa remoendo meu fracasso, com essa triste história.

Talvez irei contá-la, na próxima vez que me colocarem num palco e me sentir patético como me senti: um ator em busca de um papel, um palhaço sem a maquiagem.

Tiago Germano, é autor do romance 'O que pesa no Norte' (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de 'Demônios domésticos' (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e cofundador da editora independente Matria. Mora em João Pessoa (PB).

Protagonistas norteiam o romance em um espectro circular no qual forma e conteúdo harmonizam um inegável “pot-pourri” de profundos questionamentos sobre a vida e o lugar da própria arte e da literatura em tempos sombrios

“Vale das Ameixas” (ou O triunfo da linguagem)

Ronaldo Cagiano

Especial para o *Correio das Artes*

Autor de mais de uma dezena de livros e prêmios em sua trajetória literária, entre eles o Nestlé de Literatura 1988, com o originalíssimo romance *Mil corações solitários* (Scipione, São Paulo), o jornalista, professor, crítico e ensaísta Hugo Almeida, mineiro de Nanuque radicado em São Paulo, acaba de lançar o arrebatador *Vale das ameixas* (Sinete Editora, São Paulo, 2024), obra que, pelo viés heterogêneo, transcende categorias e gêneros literários, pois inscreve-se como narrativa multifacética, polifônica e polissêmica, na esteira de um processo que carrega múltiplas ambiências.

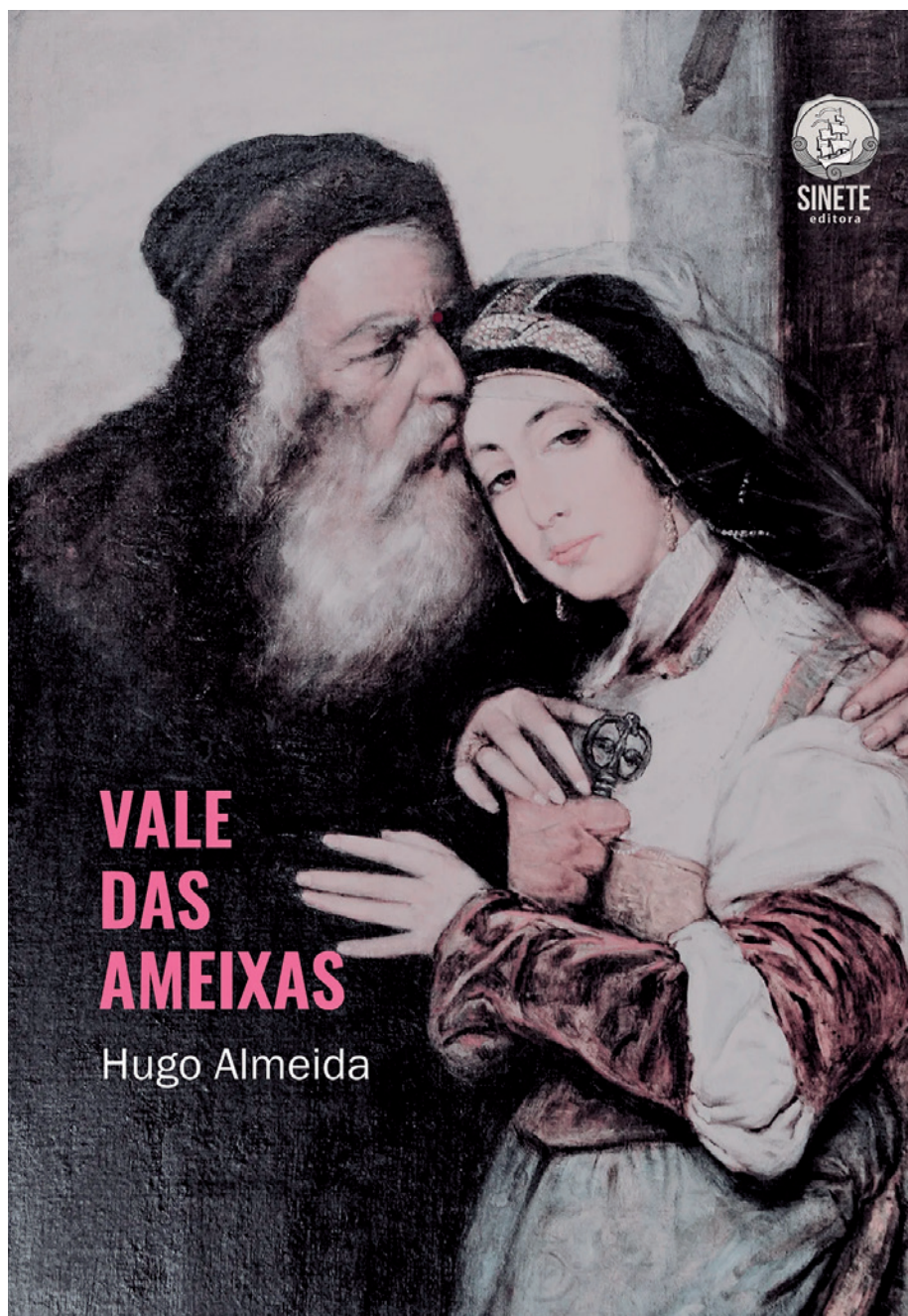


IMAGEM: DIVULGAÇÃO/EDITORASINETE

Narradores, personagens e autor formam um caudaloso caleidoscópio temático-formal em que — para além de um enredo heterodoxo — os planos verbal e sensorial captam os múltiplos aspectos de uma história que se plasma na memória, no fluxo de consciência, nas abordagens críticas e na inflexão filosófica, tendo como amálgamas o humor e a ironia, e às vezes a causticidade, como anteparos da tensão e da densidade com que o rio das ocorrências, cenários, associações, lembranças e evocações vão deslindando a trama.

Seus protagonistas — o melancólico e nostálgico professor Harley Thymozwski, o Timo, um exilado territorial e geográfico, fugitivo de guerra; e sua empregada Benedita, figura emblemática, uma espécie de antena cuja interlocução dá sentido primordial à humanidade dos sentimentos e das idas e vindas das recordações e confissões — norteiam *Vale das ameixas*, num espectro circular em que forma e conteúdo harmonizam um inegável *pot-pourri* de profundos questionamentos sobre a vida e o lugar da própria arte e da literatura em tempos sombrios.

No decurso da leitura, essa escrita demiúrgica, pungente, intertextual e metalinguística de Hugo Almeida não apenas cuida, em clave fragmentária, das relações dos protagonistas com o presente e o passado e de suas observações críticas e pulsões questionadoras, mas atravessa-lhe uma consciência estética escrutinadora. Na relação do autor com o vasto mundo da linguagem e seus signos, nada escapa ao seu radar semiótico, numa visão ampliada que flerta com obras e dialoga com diversos autores, percorrendo vertentes socioculturais, que vão da literatura ao cinema, da música ao teatro, da fotografia às artes plásticas, da ciência à política, da religião à epistolografia. É, sobretudo, um livro para resgatar o que é essencial e necessário numa obra literária, algo tão baldado nas produções ficcionais contemporâneas, povoados de mais (ou será de menos?) do mesmo, quando o fetichizado mercado editorial, mais preocupado com contextos e não com textos; com militâncias e bandeiras, em prejuízo da linguagem, elegeu suas temáticas e vai erguendo um cânone cevado no identitarismo, em que a qualidade e o talento do escritor são irrelevantes, pois o que prevalecem são a boca de urna nas redes sociais, os *likes* e indicações de *influencers* e *youtubers* e assento nas passarelas das festas e feiras literárias, esse açougue povoado de celebridades mais que de autores genuínos.

Vale das ameixas é um oásis em meio ao deserto de publicações incensadas pela mídia e ao lixo literário nacional e estrangeiro sacralizados por grande parte de uma crítica seduzida, rendida e vendida aos modismos e rotulações que tanto menoscabam a literatura em nosso país. Uma obra que coloca o autor na mesma dimensão criadora de um Osman Lins, de um Cortázar, de um Samuel Rawet, de um Ri-

cardo Guilherme Dicke, de um Robert Musil, de um John dos Passos ou um Dyonélio Machado, autores que tiveram a honestidade, sem fazer concessões, de escrever verdadeiramente, indo fundo na realidade existencial, psicológica, política, social e metafísica, aos céus e aos infernos, doa o que (e a quem) doer, percorrendo os labirintos da própria condição humana.

Nesse particular, *Vale das ameixas* dirige-se ao leitor numa perspectiva transformadora, pois o torna cúmplice de suas digressões, não nos deixa indiferentes após sua leitura, identificando-se com o que disse Isabel Allende em seu texto *Vida interminável*: “Há histórias de toda espécie. Algumas nascem ao ser contadas, a sua substância é a linguagem e antes que alguém as ponha em palavras são apenas uma emoção, um capricho da mente, uma imagem ou uma reminiscência amigável. Outras chegam completas, como maçãs, e podem repetir-se até ao infinito sem risco de alterar o seu sentido.

Existem umas que são tomadas pela realidade e processadas pela inspiração, enquanto outras nascem de um instante de inspiração e se transformam em realidade ao ser contadas. E há histórias secretas que permanecem ocultas nas sombras da memória, são como organismos vivos, nascem-lhes raízes, tentáculos, enchem-se de aderências e parasitas e com o tempo transformam-se em matéria de pesadelos. Por vezes, para exorcizar os demônios de uma recordação é necessário contá-las como um conto.”

Tomando emprestado de W. J. Solha a impressão epifânica causada por *Vale das ameixas*, posso dizer que essa obra, além dos personagens que a emulam há um protagonista incorpóreo e fascinante — a linguagem — também, “me fez sentir é que estamos exatamente ante uma busca holística da narrativa”. Sem dúvida, quando no futuro se atualizar a história da bibliografia nacional, *Vale das ameixas* estará entre suas obras basilares.

Jornalista, professor, crítico e ensaísta Hugo Almeida, mineiro de Nanuque radicado em São Paulo, vencedor de diversos prêmios em sua trajetória literária, entre eles o Nestlé de Literatura 1988

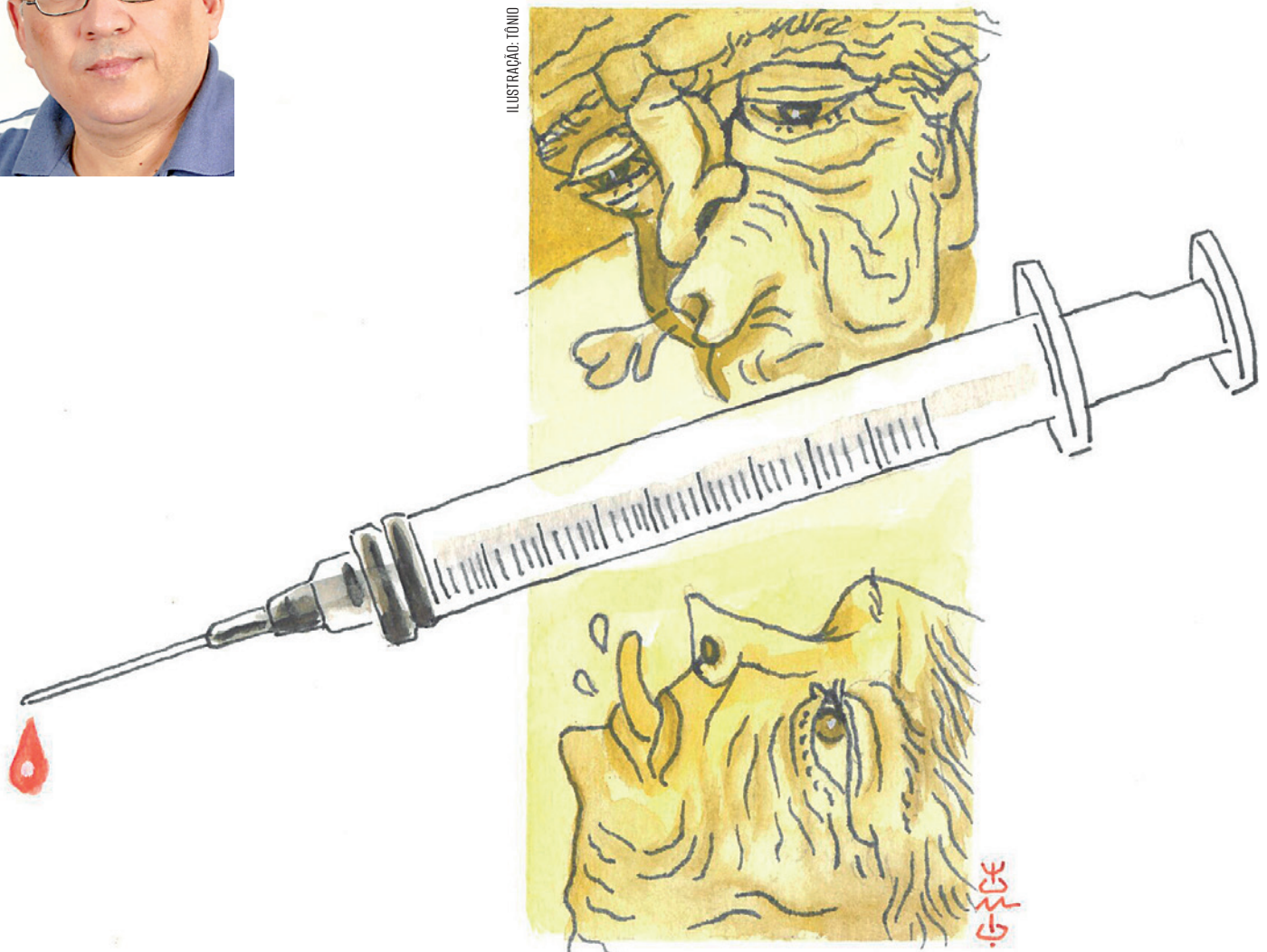


FOTO: ARQUIVO PESSOAL FACEBOOK

Excerto

“Gosto de quando dona Benedita se cala por um tempo, mas a tagarelice dela não é vazia nem tão incômoda, sei que é preciso de se ligar ao próximo, nada tem de doença, ao contrário do que Plutarco condena. Cala-te, meu filho, o silêncio tem muitas belezas. Eurípedes fez coro, a boca conduz à desgraça. Ninguém foge da dona Benedita porque ela fala muito. Ela sabe ouvir, o que o doente tagarela não sabe. Não é uma falastrona. Não, não é.”

Ronaldo Cagiano é escritor brasileiro, autor, dentre outras obras, de ‘Eles não moram mais aqui’ (Prêmio Jabuti, 2016) e vive em Portugal.



A vacina

Um casal de velhos. Azedos, na eterna contenda. Ele cospe no piso do corredor para ver se ela escorrega. Ela cospe em cima, apostando que ele desaba primeiro. Ele vai para o jardim bater as folhas secas. Ela afasta o ramo, tirando a flor do bafo dele:

— A flor morre!

Ela estica o pescoço para pescar o horóscopo no jornal dele:

— Vai na banca, que tá prontinho e empacotado o teu horóscopo! O meu jornal, necas!

Ela, tirando os grampos do cabelo:

— Ai, Cristo! Criaram essa vacina pra preservar uma criatura dessas! Eu quero sumir!

Rinaldo de Fernandes é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
Mora em João Pessoa (PB).

**NA LIVRARIA A UNIÃO,
A LITERATURA TAMBÉM
É DIVERSÃO E IMAGINAÇÃO!**



 Livraria
AUNIÃO | Poeta
Juca Pontes

ESPAÇO CULTURAL JOSÉ LINS DO REGO - BOX 13 (JOÃO PESSOA - PB)

TELEFONE: 83 99604-0011

 @LIVRARIAAUNIÃO

A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac